

3 CONGRESSO BRASILEIRO DE PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL

ANAIS

Vitória da Conquista
Bahia



<https://wp.ufpel.edu.br/cbpve/>

JOSIAS PEREIRA
ELIANE CANDIDO
M^a JEANE CANDIDO
(Organizadores)

Anais do 3º Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil

III CBPVE / Realizado em **2018** na cidade
de Vitória da Conquista - **Bahia**

ISBN – 978-65-87148-00-7

Pelotas - RS
2020

Anais do 3º Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil

Coordenação

Josias Pereira - Eliane Candido
M^a Jeane Candido

Capa e Diagramação

Eliane Candido

Revisão Pedagógica

Maria Jeane Candido

Periodicidade

Bienal

ISBN

978-65-87148-00-7

Ano

2020

Editora

Rubra Cognitiva

Copyright © 2020

Josias Pereira, Eliane Candido, Maria Jeane Candido.

Realização

Universidade Federal de Pelotas – RS

Correalização

Instituto Federal da Bahia – Campus Vitória da Conquista
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Sumário

APRESENTAÇÃO	5
1. A PARTICIPAÇÃO DO EDUCADOR NA CURADORIA DO CINECLUBE CIDADANIA E A POTÊNCIA CRIATIVA E EMPREENDEDORA DA EXIBIÇÃO DE DOIS DOCUMENTÁRIOS BRASILEIROS NA ESCOLA PÚBLICA	6
2. TRAÇOS DO DESENHO NA PRODUÇÃO DE CURTA-METRAGEM.....	8
3. PANÓPTICO DO OLHAR: O ÁLBUM DE SI E O AUTORRETRATO NA SOCIEDADE DA IMAGEM.....	10
4. O POTENCIAL PEDAGÓGICO DO VÍDEO NAS AULAS DE MATEMÁTICA.....	12
5. O ENSINO DA MATEMÁTICA MEDIADO PELA PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL	13
6. HISTÓRIA E CINEMA: DISPOSITIVO CINEMATOGRAFICO E DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS.....	15
7. HORA DE CINEMA: UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DIALÓGICA.....	17
8. O MINUTO LUMIÈRE E A ABORDAGEM TRIANGULAR NO ENSINO DE ARTE	20
9. PARA VER É PRECISO ENQUADRAR	22
10. REFLEXÕES: FESTIVAL DE CINEMA ESTUDANTIL, CINEMA NA ESCOLA E SUAS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES	23
11. REGIDAS PELO CINEMA: CEI REGENTE FEIJÓ E CEI CHA IL SUN A PARTIR DA OFICINA DE <i>FILM LITERACY</i>	25
12. CINEMA E INCLUSÃO: OS DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM NA PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL	26
13. ARTE EM MOVIMENTO: MÚSICA E INCLUSÃO SOCIAL PROJETO CRIAR E TOCAR	27
14. PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	29
15. O BOSQUE: O BULLYING PELO OLHAR DOS ESTUDANTES.....	30

16.	DESAFIO 194 SEGUNDOS - PRODUÇÃO DE UM CURTA EM 72 HORAS.....	33
17.	VÍDEO: ROMEU E JULIETA.....	35
18.	VÍDEO: WEBSÉRIE VALORES	37
19.	O CINEMA COMO POTÊNCIA CRIADORA – O CASO DO FILME <i>LINHAS TORTAS</i> ..	39
20.	O RESGATE DO LEITOR: EM BUSCA DO FINAL FELIZ	41
21.	FILME: DAS CRIANÇAS DO SÃO BENTO PARA O MUNDO	46
22.	O MOVIMENTO CINECLUBISTA NA ESCOLA.....	47
23.	PRODUZINDO “PÂNICO NO ACAMPAMENTO”	49
24.	RESGATANDO HISTÓRIAS E ESCRREVENDO MEMÓRIAS	51
25.	DOENÇA MODERNA	53
26.	O ENGAJAMENTO DE ESTUDANTES NA PRODUÇÃO COLETIVA DE <i>O CANDIDATO</i>	58
27.	PROJETO VIDEO MÓBILE - INSTITUTO IDEIA COLETIVA CONGRESSO BRASILEIRO DE VÍDEO ESTUDANTIL	60
28.	PRODUÇÃO DE VÍDEO PARA EXPLORAR A HISTÓRIA DOS NÚMEROS COMPLEXOS	63
29.	VIVÊNCIAS, CONVIVÊNCIAS... SIMPLES ASSIM: ESCOLA!	65
30.	PRODUÇÃO DE VÍDEOS COM CONTEÚDO DE MATEMÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO IFSC CÂMPUS GASPAR	68
31.	DOCUMENTANDO - OFICINAS DE REALIZAÇÃO AUDIOVISUAL.....	70

APRESENTAÇÃO

O III Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil (CBPVE) é uma iniciativa do curso de Cinema e Audiovisual e do Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com o intuito de promover o diálogo entre professores e alunos da Educação Básica (pública) e os pesquisadores e estudantes da Educação Superior sobre a temática produção de vídeo estudantil no contexto escolar. Sabemos que os alunos e suas escolas têm realidades distintas, porém, o processo de fazer vídeo é, geralmente, o mesmo, com suas dificuldades, alegrias, medos e sonhos.

Os anais do III CBPVE traz o resumo de cada trabalho inscrito e apresentado durante a 3ª edição do evento, sendo uma importante fonte de partilha e pesquisa, distribuído gratuitamente no formato eletrônico e disponibilizado no site institucional do congresso: <<https://wp.ufpel.edu.br/cbpve/>>.

O Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil tem como proposta o compartilhamento de práticas pedagógicas e o aprofundamento de conhecimentos científicos sobre a temática produção de vídeo estudantil, realizada em qualquer área do conhecimento.

Os conteúdos abordados nos textos, as opiniões e os conceitos emitidos, bem como a originalidade dos trabalhos, das informações, exatidão, adequação e procedência das citações e referências, são de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Abraços

Coordenação e Produção do CBPVE

**1. A PARTICIPAÇÃO DO EDUCADOR NA CURADORIA DO CINECLUBE
CIDADANIA E A POTÊNCIA CRIATIVA E EMPREENDEDORA DA EXIBIÇÃO
DE DOIS DOCUMENTÁRIOS BRASILEIROS
NA ESCOLA PÚBLICA**

Anina Dias
aninadias@hotmail.com

O artigo da pesquisadora Anina Dias investiga a potência criativa e empreendedora da formação audiovisual na escola pública, por meio da exibição de dois documentários brasileiros – e seus respectivos desdobramentos pedagógicos, no estímulo da produção transversal do conhecimento em sala de aula - definidos pela curadoria do Cineclube Cidadania. O curta-metragem pernambucano, *Clandestina Felicidade*, de Marcelo Gomes, Beto Normal e Gil Vicente; e o longa-metragem *Quem se Importa*, de Mara Mourão. O Cineclube Cidadania é o meu projeto de vida. E um projeto de vida não se sonha sozinho. O coletivo começou com um grande problema (a violência das drogas no entorno escolar), alguns poucos sonhadores (a minha turma de ex-alunos da escola) e logo deu sentido à existência de muitos (gestores, educadores e alunos do João Barbalho) em busca de possíveis soluções. De abril de 2012 a meados de 2017, o Cineclube Cidadania exibiu mensalmente documentários brasileiros na Escola João Barbalho com curadoria feita em consonância com a educadora de apoio da escola, Ana Ruth Queiroga, que por sua vez negociou roteiros sugeridos com os professores de Geografia, História, Português, Literatura, Artes, Teatro, Inglês e Ciências, de acordo com o planejamento pedagógico vigente. Trabalhamos com uma equipe fixa voluntária, formada pela jornalista cultural e cineclubista, Anina Dias - na coordenação geral - e pelo músico e webmaster, Mavi Pugliesi - responsável pela coordenação operacional - e ainda pela colaboração de amigos artistas e designer convidados. A partir de 2014, com a extinção da ocupação do turno da noite na escola, o público do Cineclube Cidadania passou a ser os alunos do Ensino Fundamental II do turno da manhã e tarde, acompanhados de seus respectivos professores. A cada sessão mensal um convidado para movimentar o debate. Em seguida eram definidas: uma pergunta e/ou

temática para reflexão, um filme e um cartaz para divulgação nas redes sociais, desenvolvendo-se o mesmo processo da criação publicitária com fins educativos e de acordo com o planejamento didático escolar, como por exemplo: “O que a poesia tem a ver com a minha vida?” (acesse a nossa *fanpage*: <https://www.facebook.com/cineclubecidadania>). O Cineclube Cidadania transformou o João Barbalho numa escola/polo exibidor da Mostra de Direitos Humanos na América do Sul, durante dois anos consecutivos, em 2014 e 2015 e do Festival Internacional de Realizadoras – FINCAR, em 2016, tornando-se uma metodologia audiovisual de interação social, de reintegração da memória e catalizadora de talentos empreendedores. Até dezembro de 2016, cerca de 500 alunos e 18 professores foram sensibilizados em sala de aula pelo Cineclube Cidadania. Em 2014, o coletivo foi convidado para realizar uma Oficina de Roteiro, Produção e Edição de Vídeo com cerca de 15 alunos do 9º ano, o que resultou na nossa primeira experimentação audiovisual. O roteiro foi feito pelos estudantes e propõe uma reflexão sobre o perigo do uso do crack e a responsabilidade de ser livre na adolescência, independente de gênero, raça, religião ou condição social. O filme desenvolve sua narrativa ficcional numa aula de introdução à física, dentro da realidade da escola pública brasileira, cercada de grades, com professores e alunos talentosos e estressados. Pretende circular nas escolas, bibliotecas públicas, cineclubes e pontos de cultura brasileiros. www.youtube.com/watch?v=MEmTpOTxO6c&feature=youtu.be

2. TRAÇOS DO DESENHO NA PRODUÇÃO DE CURTA-METRAGEM

Benival Vilaça Ferreira Júnior

Instituto Federal da Bahia (IFBA)

benival.ferreira@ifba.edu.br

Este artigo tem como objetivo (re) discutir a importância do desenho enquanto linguagem dentro do percurso de produção de curta-metragem no âmbito da sala de aula. Através da convivência com os estudantes do primeiro ano do ensino médio técnico integrado do Instituto Federal da Bahia *Campus* Vitória da Conquista e levando em consideração seus questionamentos, tornou-se clara a necessidade da adoção de novas experiências para o ensino de Artes. As aulas teóricas e práticas de desenho artístico e de observação, por exemplo, formavam, até então, alunos limitados às regras artísticas e referenciais visuais externas, deixando à margem elementos importantes como a matéria, o espaço e o tempo, inerentes também à arte cinematográfica. A produção de vídeo a partir do espaço escolar, proporcionou frutos surpreendentes, uma vez que os resultados obtidos denotam uma melhora notável de qualidade estética e uma maior eficiência didático pedagógica do vídeo como mais uma forma de assimilação de conteúdo.

PALAVRAS-CHAVE: desenho; vídeo; escola.

Introdução:

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, sobretudo do cinema, TV e vídeo, a imagem acabou por se tornar um elemento central na vida dos homens, como também um importante veículo de difusão do conhecimento na sociedade atual.

Tais mudanças, sociais, culturais e artísticas, por exemplo, forçam a escola repensar a educação com base em novos valores e lançar mão de novas fontes e metodologias na transmissão do saber. Por isso, justifica-se o crescente uso de recursos audiovisuais nas

escolas, tornando-se um recurso bastante importante no desenvolvimento das atividades de ensino/aprendizagem.

O relato das experiências com produção de vídeo a partir da sala de aula busca investigar algumas formas de trabalho com audiovisual no dia-a-dia na escola. Nesse sentido, descrever o processo é uma tentativa de analisar uma metodologia dinâmica que aponta algumas estratégias, advindas de procedimentos diferentes.

A Graduação em Licenciatura em Desenho, se por um lado conheci estratégias importantes para o ensino de Artes, como a possibilidade de levar para a sala de aula diferentes tipos de mídia, por outro não resolveu a questão de fundo e só confirmou uma hipótese recorrente nos estudos da relação educação e novas tecnologias: a substituição, pura e simples, do quadro (negro ou branco), da prancheta por data show, televisão, computadores não garantem maior envolvimento dos alunos com os conteúdos, não forma cidadãos críticos, nem assegura aprendizagem.

Desenho e cinema

Tratar da relação entre Desenho e o Cinema a primeira coisa que nos vem à mente é o cinema de animação; e de fato, este é um ótimo exemplo da presença do desenho no cinema, mas não é o gênero (contudo Sergei Eisenstein¹ a forma mais pura e completa de cinema) que queremos abordar aqui. Em termos gerais, é nossa intenção fazer um “mapeamento” sobre o processo de trabalho dos realizadores que utilizam o desenho, seja como “intermediário”, para propor ou explicar as suas ideias, seja quando é usado para o “processo de visualização” que está implicado em todo o trabalho de concepção das imagens de um filme - exemplo da função do *storyboard* -, mas também quando o desenho é parte integrante de um filme.

¹ Serguei Mikhailovitch Eisenstein (23 de janeiro de 1898 - 11 de fevereiro de 1948) - Foi um dos mais importantes cineastas soviéticos. Foi também um filmólogo. Relacionado ao movimento de arte de vanguarda russa, participou ativamente da Revolução de 1917 e da consolidação do cinema como meio de expressão artística.

3. PANÓPTICO DO OLHAR: O ÁLBUM DE SI E O AUTORRETRATO NA SOCIEDADE DA IMAGEM

Gregório Albuquerque

gregoriogalbuquerque@gmail.com

‘Está tudo bem? Vi que você apagou as fotos do seu relacionamento, vocês terminaram?’. É uma frase que demonstra uma preocupação, porém retrata uma vigilância a partir das imagens ou ausência delas pois em nenhum momento foi relatado a separação. As imagens fotográficas sempre tiveram relacionados a característica de prova, isto é, a fotografia daquele instante traz a veracidade do acontecimento mesmo que o fato tenha sido fictício. ‘Você faz yoga? Faço não. Mas vi uma foto sua na praia fazendo yoga’. Na medida que os olhares sobre as imagens aumentaram, a naturalização da exposição do cotidiano muda e se adapta a padrões dos seus espectadores. Então a maneira como a imagem é construída para ser vista passa pela vigilância de seus observadores que definem, em uma relação de poder, o que o indivíduo em sua cela deve fazer. A ausência das imagens também passou a comprovar coisas. “Como é possível ir em uma viagem e não publicar nada? Então não viajou”. Ou melhor, não houve a viagem para o olhar de quem observa, porém para quem fez a viagem, ela aconteceu. A forma de vigilância pode provocar a sensação de estar sendo sempre vigiado e com isso sombras e mentiras podem ser produzidas como forma de burlar. Uma viagem é relatada por imagens e publicada, porém, nunca aconteceu? Aconteceu para quem olha, mas não para quem publicou². Nesse momento passamos a olhar a imagem do cachimbo e não o cachimbo. O que é observa? Quem observa? Observa o que? O que é permitido ver? Perguntas que surgem a partir do princípio do panóptico, porém são feitas para todos os indivíduos de uma sociedade que ao mesmo tempo estão na sua cela e na torre central, observando e sendo observados. Porém a partir do momento que se observa e é observado, formas de agir, pensar e fazer se transformam, mesmo que não esteja sendo

² Zilla Van Den Born, designer gráfica holandesa de 25 anos, enganou família e amigos ao postar fotos de uma suposta viagem para a Ásia em seu Facebook. Na verdade. Fonte. <https://exame.abril.com.br/tecnologia/fotos-alteradas-pelo-photoshop-nas-redes-sociais-simula-viagem-para-a-asia/>.

vigiados, mas a sensação acarreta isso. Como nossos os alunos observam e produzem para serem observados? Como eles se veem e se exibem hoje? O que eles postam representa verdadeiramente eles? Diante dessas perguntas que são desenvolvidos exercícios que permitam produzir um momento de análise e reflexão narcisista do que já postamos nas nossas redes sociais entendendo principalmente o porquê, quando e como postamos essas imagens. Depois dessa etapa é proposto uma produção de vídeo de auto retrato como forma de reflexão do que querem que os outros vejam de si através das imagens. Em uma sociedade do espetáculo e suas relações por imagem, há um aumento da necessidade de “precisar olhar e ser olhado” na sua própria existência, ou seja, a imagem que olho não é necessariamente realidade, mas se torna e passa a possibilitar a criação de outras imagens para serem vistas e produzidas. Pensar o fim do panóptico não remete a sua completa ausência na sociedade.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. O panotismo. In. _____. Vigir e punir. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987. p.219-258.

SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo. 2.ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016

4. O POTENCIAL PEDAGÓGICO DO VÍDEO NAS AULAS DE MATEMÁTICA

Jaqueline Antunes da Silva

Universidade Federal de Pelotas

jaqueline.antunes@gmail.com

O presente resumo apresenta uma pesquisa de mestrado que teve por objetivo analisar o potencial pedagógico do vídeo no aprender Matemática. Para tanto, foram produzidas duas videoaulas sobre o assunto exponencial e apresentadas a três turmas de alunos selecionadas. Os sujeitos da pesquisa são discentes do primeiro ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental do município de Pelotas-RS. A pesquisa procurou amparar-se nas contribuições da neurociência no campo do conhecimento das emoções e a interlocução dessa área com a educação. Com vistas à realização do estudo, a metodologia de pesquisa utilizada foi do tipo qualitativo, tendo sido adotado o estudo de caso como estratégia de pesquisa. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados, a aplicação de questionário aberto, observação e entrevistas semiestruturadas. Para orientar a coleta de dados e análise dos mesmos foi escolhida a análise categorial de Bardin (2004), tendo sido estabelecidas três categorias temáticas: reações ao assistir as videoaulas; aula com vídeo e aula expositiva e relação professor/aluno. Os resultados da pesquisa possibilitaram verificar que as videoaulas produzidas contribuíram para a aprendizagem dos alunos. Auxiliaram como um recurso didático para reforçar o conteúdo programático exponencial, além de ser uma forma prazerosa de aprender Matemática, utilizando a tecnologia digital presente no cotidiano dos estudantes. Contudo, segundo os sujeitos da pesquisa, embora a videoaula seja um recurso didático que auxilia na aprendizagem dos discentes, como sendo um importante instrumento para aprender e revisar os conteúdos programáticos de uma maneira diferente e descontraída, as aulas expositivas, utilizando lousa e caneta ainda são necessárias. A presença do professor ainda é necessária para desfazer dúvidas do que não ficou bem explicado no vídeo.

Palavras-chave: educação matemática, videoaula, tecnologia, neurociência.

5. O ENSINO DA MATEMÁTICA MEDIADO PELA PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL

Josiane de Moraes Brignol
josianepmoraes88@gmail.com

O trabalho em questão consiste em uma proposta de pesquisa que relacionada a produção de vídeo estudantil e a matemática. Este estudo tem como objetivo geral analisar como alunos do ensino fundamental expressam pensamentos de porcentagem com a produção de vídeo e para que se chegue a tal análise tem-se como objetivos específicos: identificar as estratégias que os estudantes utilizam para expressar pensamentos de porcentagem no vídeo; refletir sobre os aspectos que a produção de vídeo traz para o ensino da matemática e observar o interesse dos alunos pela matemática durante o processo da produção de vídeo constituída. Se trata de uma pesquisa qualitativa na modalidade de pesquisa ensino, pois tem como foco investigar particularidades da produção audiovisual de uma turma de 8º ano, realizada pela professora de matemática da turma, de forma a intervir no ensino dos estudantes no II trimestre letivo de 2018. Os sujeitos de pesquisa constituem-se de treze alunos, de uma escola rural localizada na área rural do município de Capão do Leão. Para o embasamento teórico são utilizados: Paulo Freire, Ubiratan D'Ambrósio, Josias Pereira, José Manuel Moran e Heloísa Dupas Penteado. Como instrumentos da coleta de dados se pretende realizar 2 questionários, 1 entrevista semiestruturada, cadernos de atividades, diário de campo da pesquisadora, filmagens, fotos e 2 vídeos de até dez minutos produzidos pela turma pesquisada. Para a análise do material coletado a partir destes instrumentos pretende-se realizar um diálogo entre a teoria e o material coletado. Inserir o vídeo no ensino da matemática foi encorajado pela produção de vídeos para o I e II Festival de Vídeo Estudantil município, onde os estudantes demonstraram engajamento, colaboração, união e interesse durante a produções realizadas nos anos de 2016 e 2017. No presente ano os estudantes participam da aplicação do projeto deste estudo que teve início em maio e tem registrado treze encontros onde foram ofertadas oficinas de vídeo, palestra sobre porcentagem, escolha dos temas as serem trabalhos nos vídeos (uso de medicamentos e

álcool). Diante da escola dos alunos a pesquisadora moldou uma entrevista exploratória para cada grupo, onde eles assumiram o papel de entrevistadores. O grupo que escolheu trabalhar com o consumo de álcool explorou através da entrevista a presença de bebidas alcóolicas entre os alunos da própria escola do 5º ao 9º ano. Já o grupo que optou pelo uso de medicamentos foi a praça central da cidade para conhecer de perto como isso acontece. A partir de reflexões e o debate sobre os dados levantados os estudantes montam cálculos e gráficos representando as porcentagens oriundas da realidade encontrada para os dois temas, o apanhado destes cálculos se transformou em um painel que está incluído no roteiro dos vídeos. Após esse processo, que se encontra em conclusão serão gravados os vídeos. Um dos vídeos que demonstrou perante aos estudantes e a pesquisadora a importância da inclusão da produção do vídeo estudantil no ensino, em especial a tentativa de tentar tornar a matemática atraente é o vídeo *“Uma parte de mim em você”*, onde duas meninas amigas desde a infância passam pelo enfrentamento de um câncer no rim de uma delas. A amiga saudável fortalece a diagnosticada com câncer e depois de uma doação do órgão a história tem seu final feliz.

https://www.youtube.com/watch?v=-2_s_Ad8fpc&feature=youtu.be&list=PLUkrOoL7-Z16tBJtTkOiZoNp5DZc3DqW7

6. HISTÓRIA E CINEMA: DISPOSITIVO CINEMATOGRAFICO E DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS

Juliana Ribeiro Marra
julianamarr@gmail.com

Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha
carvalho.mariaalice12@hotmail.com

Este artigo discute o projeto de ensino da disciplina eletiva “História e Cinema”, desenvolvida com alunos do ensino médio – 1º, 2º e 3º ano. Essa disciplina da Educação Básica foi realizada no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás por duas professoras, uma historiadora e uma pedagoga. As elaborações acerca do ensino e do cinema foram o foco principal do projeto, pois pesquisas e evidências empíricas apontam que muitas experiências escolares instrumentalizam o cinema, não o valorizando por si mesmo.

Assim, optamos por construir um programa de curso organizado em três eixos, a fim de problematizar tanto as questões históricas e teóricas do cinema quanto garantir a vivência dos alunos em uma criação fílmica – passando por todas as etapas da produção. Essas produções deveriam ter como tema as próprias vivências ou histórias da escola, que estava prestes a completar 50 anos. O curso foi realizado durante cinco meses, perfazendo uma carga horária de 40h, e propôs como objetivos: familiarizar os/as estudantes aos fundamentos teóricos e práticos referentes ao cinema e à história; promover a prática e a cultura audiovisual em contexto escolar; aprofundar a reflexão crítica e experiência estética; relacionar a produção audiovisual com a elaboração do saber histórico.

De fato, ainda que a maioria dos jovens esteja imersa cada vez mais no mundo das imagens, hoje mais acessíveis pela tecnologia e com certas facilidades para produzirem outras, nem sempre se tem clareza das questões estéticas e éticas que envolvem as produções audiovisuais. Nossa experiência de ensino propôs investir em uma formação em que se possa desnaturalizar essa condição de competência atribuída a esse público, principalmente para

perceberem que a linguagem cinematográfica utiliza vários dispositivos e, além disso, constrói determinados pontos de vista, transmitindo valores e/ou (des)construindo.

Após a concretização desse grande desafio que foi viver o cinema na escola, oferecendo oportunidades de visionamento, análise e produção de audiovisual, não podemos deixar de ressaltar o grande aprendizado que tivemos, não só em relação ao conhecimento em si, isto é, das elaborações a respeito do cinema, da história e da prática curricular. Estabelecemos também, laços em direção à humanização, ao encontro com a alteridade. Foi essa a sensação que sentimos ao terminarmos a disciplina. “Já não somos mais os mesmos”, como disse uma aluna. Constituímos outras formas de perceber e elaborar o mundo, não só em relação à nossa escola, ao nosso cotidiano, mas à vida. A linguagem cinematográfica não foi apenas um meio para essa construção e lançamos mão de sua essência artística para defender a sua entrada e permanência na escola.

Link dos vídeos:

Miscelânea

<https://www.youtube.com/watch?v=zGIbtFNY9lo&t=2s>

Memórias do Cepae

<https://www.youtube.com/watch?v=FhVXEhnPIes&t=81s>

7. HORA DE CINEMA: UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DIALÓGICA

Eliany Salvatierra Machado³

Liana Lobo⁴

lianalobobap@hotmail.com

A oficina de audiovisual Hora de Cinema aconteceu entre 2014 e 2017 com alunos do ensino fundamental e médio⁵. Iniciativa do PIBID de cinema da UFF, a oficina contava com três bolsistas mediadores que tinham como objetivo permitir a sensibilização dos participantes - seja esta estética, analítica, corporal ou humana – a partir da criação de um espaço de expressão e experimentação audiovisual dentro do ambiente escolar. Através de encontros semanais foi possível construir uma relação dialógica entre educandos-educadores-educandos onde o que esteve presente foi a alteridade e a ideia de que estudar pode ser leve, prazeroso e ligado à realidade concreta dos educandos, a qual se traduz na auto nomeação coletiva da oficina, que é uma referência ao desenho animado Hora de Aventura, gosto comum entre os estudantes e osicineiros-pibidianos. Distanciando-nos de uma perspectiva conteudista e de explicações exacerbadas, afirmamos que é fazendo imagens-sons que os educandos aprendem o que podem as imagens em movimento unidas de paisagens sonoras por uma articulação da montagem. É fazendo audiovisual que os educandos se permitem ser atravessados por referências dessemelhantes, aguçam o olhar e a escuta para outras formas éticas, estéticas e políticas de estar na vida; e também é neste fazer que partilham laços afetivos uns com os outros e com os educadores. No campo do ensino de Artes, Duarte Jr. (1981) e Ana Mae Barbosa (1998) concordam que a experiência

³ Doutora em Comunicação pela USP - SP. Professora nos cursos de Cinema e Audiovisual Bacharelado e Licenciatura do Departamento de Cinema e Vídeo do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense - UFF. Coordenadora do Subprojeto Cinema - Licenciatura - Programa PIBID.

⁴ Licenciada em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Foi bolsista CAPES por 3 anos na Iniciação à Docência PIBID no Colégio Estadual Guilherme Briggs.

⁵ Em contra turno no Colégio Estadual Guilherme Briggs (CEGUIB), ministrada por educandos-educadores de Cinema e Audiovisual – Licenciatura durante o Subprojeto PIBID – Cinema Licenciatura – UFF, sob supervisão da professora Glaucia Andreza do Nascimento.

estética deve estar presente na formação. Barbosa, entretanto, elabora uma proposta para o ensino das Artes que denomina de “proposta triangular”: Ver, Fazer, Refletir. Trabalhamos com estes pilares, não necessariamente nesta ordem, e lidando com a constante repetição e mútua convivência entre eles. Após ver, rever, para então e ao mesmo tempo refletir. Ao fazer, refletir também. E após fazer, ver e refletir as imagens-sons produzidas. Assegurando assim a fruição completa da experiência Audiovisual, refletindo sobre a mesma. Nessa perspectiva as artes não seriam apenas uma disciplina, muito menos um conteúdo em que prevalecesse a história dos objetos estéticos criados pela humanidade, e menos ainda, o culto ao gênio criador. É, portanto, a experiência sensível do que é significativo. Partindo desses pressupostos, mediamos na oficina Hora de Cinema a produção de vídeos estudantis de autoria coletiva. O primeiro deles foi o videoclipe APÓS O APOCALIPSE. Nele, os educandos precisaram exercitar a escolha. Foram eles quem - negociando com o grupo em meio a afetividades e estranhamentos - partilharam todas decisões da produção do videoclipe. Ninguém foi creditado pela direção do videoclipe, e ao mesmo tempo todos foram diretores. Todos foram atores, roteiristas, operadores de câmera, diretores de arte, maquiadores, figurinistas, editores, etc. Este tipo de produção coletiva desenvolve não apenas a capacidade de comunicação em trabalhos em grupo, como também a noção de alteridade. O propósito da filmagem não era o produto, e sim proporcionar aos educandos uma experiência estética educativa, na qual se tornassem mais conscientes sobre cinema, sobre si mesmos e sobre o que expressam. Esta emancipação em relação a produção do videoclipe “Após o Apocalipse” (desde o formato do curta-metragem, tema, trilha sonora, etc., até a escolha dos planos que entrariam na versão final e a montagem destes) é perceptível na estética do produto final, que traduz os interesses dos educandos do ensino fundamental, e expressa a subjetividade que se formou no grupo durante o processo.

Decerto o que se pretende não é, longe disso, fazer obras de arte (...). Não se trata de formar grandes pintores⁶, mas homens emancipados, capazes de dizer eu também sou pintor(...). E eu também sou pintor significa: eu também tenho uma alma, sentimentos a comunicar a meus semelhantes. (RANCIERE, 2002).

⁶ No caso, grandes cineastas.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BLANCO, Marcio. Entre o audiovisual e a educação: o coletivo em um filme de oficina. UERJ, Rio de Janeiro, 2014.

DUARTE JÚNIOR, J. F. Fundamentos Estéticos da Educação. Uberlândia: Cortez Editora / UFU, 1981.

RANCIERE, J. A. A Razão dos Iguais. Em: O mestre ignorante. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MACHADO, Eliany S. Educomunicação e Experiência Estética. Em: LIMA, Rafela (Org.). Mídias comunitárias, juventude e cidadania. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VÍDEO-ESTUDANTIL:

APÓS O APOCALIPSE. Realização educandos da oficina Hora de Cinema. PIBID de cinema: <<https://www.youtube.com/watch?v=x7NgHToELbE&t=92s>>. Niterói - RJ, 2015, 4 min.

8. O MINUTO LUMIÈRE E A ABORDAGEM TRIANGULAR NO ENSINO DE ARTE

Luciano Dias

lucianomelodias@hotmail.com

Esta pesquisa tem a proposta de desenvolver abordagens metodológicas para a prática do cinema e audiovisual como modalidade para o ensino de arte na educação básica, em especial para o ensino médio. Arte é um componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, conforme redação dada pela LDB (BRASIL, 1996), e conta com recomendações para os conteúdos e temas a serem abordados nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN. O livro dedicado ao ensino médio, na parte de linguagens códigos e suas tecnologias, cita o audiovisual – ao lado da música, teatro, dança e artes visuais – como uma das expressões artísticas a serem trabalhadas na sala de aula (BRASIL, 1999). Neste artigo, buscamos apresentar a proposta do Minuto Lumière (BERGALA, 2006) fazendo um diálogo com a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (BARBOSA, 2012), a partir da prática em sala de aula. O Minuto Lumière consiste na produção de um vídeo de aproximadamente um minuto de duração com câmera parada, remontando às origens do cinema, baseada em três operações mentais fundamentais: o “escolher” diz respeito a decisões nas possibilidades de seleção, dos atores aos planos; “dispor” é relacionar os elementos; e “atacar” é o fazer, realizar o plano, a montagem. Esta prática difundida no Brasil pelas pesquisas do Cinead (FRESQUET, 2013), do projeto Inventar com a Diferença (MIGLIORIN, 2015, 2016) e pelo programa de alfabetização audiovisual (BARBOSA, SANTOS, 2014) dialoga com a abordagem triangular. A abordagem triangular foi, ainda que de forma velada, uma das influências para a elaboração dos PCNs Arte para o ensino fundamental e médio, e serve como referência principal aos professores de arte em nosso país; consiste em três movimentos: o fazer artístico, a contextualização e a leitura da obra de arte. À partir do ziguezague proposto por Ana Mae Barbosa entre o contextualizar, ler e fazer arte, nos propomos a analisar em critérios estéticos e tecnológicos uma proposta aplicada em práticas de cinema com turmas do ensino médio, realizando o dispositivo

Minuto Lumière, e observar estes três movimentos da triangulação com a contextualização na apresentação do momento histórico a que ela se relaciona, a leitura – aqui relacionada com a fruição da obra de arte – nas operações mentais fundamentais propostas – o escolher, dispor e atacar – por quais passam os planos, e o fazer artístico na realização de minutos Lumière pelos estudantes.

Palavras-chave: ensino médio, abordagem triangular, minuto lumière

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino de Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BARBOSA, M. SANTOS, M. **Escritos de Alfabetização Audiovisual**. Porto Alegre: Libretos, 2014.

BERGALA, Alain. **L'hypothèse Cinéma** Paris: Cahiers du cinema, 2006.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília; SEMTEC / MEC, 1999.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MIGLIORIN, C. **Inevitavelmente Cinema**: Educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

_____. **Cadernos do Inventar**: cinema, educação e direitos humanos. Niterói: EDG, 2016.

9. PARA VER É PRECISO ENQUADRAR

Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

(CEPAE - UFG)

carvalho.mariaalice12@hotmail.com

Este trabalho, vinculado ao projeto de pós-doutoramento Cinema e escola: diálogos possíveis, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Artes e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, pretende sensibilizar professores para trabalharem com a linguagem cinematográfica, de modo a construírem com os alunos uma outra atitude em relação ao cinema. Sabe-se que este entra na escola, na maioria das vezes, como um instrumento qualquer, não sendo valorizado por si mesmo e nem percebido em sua potencialidade. O cinema poderá colaborar para que se possa expandir o olhar, ampliando as possibilidades do trabalho com as imagens e propondo outras formas de pensar e inventar o mundo. Assim, apresentará a discussão sobre cinema e representação, gerada na disciplina eletiva do Ensino Médio, História e Cinema, realizada no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, no ano letivo de 2017, a partir dos curtas produzidos pelos alunos. Essa discussão, presente desde a origem do cinema, apresentou-se como nova aos alunos e permitiu a problematização dos dispositivos da linguagem audiovisual e de temáticas urgentes como preconceitos, memórias escolares, modelo de escola, etc. De fato, ainda que a maioria dos alunos estejam imersos no mundo das imagens, hoje mais acessíveis pela tecnologia e com certas facilidades para produzir outras, nem sempre eles têm clareza das questões estéticas e éticas aí envolvidas. É preciso investir em uma formação que possa desnaturalizar essa condição de competência atribuída a esse público, principalmente para ele perceber que o cinema se utiliza de variados recursos para construir determinados pontos de vista, transmitindo valores e/ou (des) construindo-os. Além disso, algumas vezes, só se consegue olhar porque algo está enquadrado e essa experiência de filmar que os alunos tiveram foi uma oportunidade para isso acontecer.

Palavras-chave: Ensino. Cinema. Curtas. Produção estudantil. Representação.

10. REFLEXÕES: FESTIVAL DE CINEMA ESTUDANTIL, CINEMA NA ESCOLA E SUAS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES

Mariangela Scheffer Cardoso
mariangyyy@gmail.com

Este resumo traz um recorte da relação escolar com o cinema, em interface com algumas reflexões baseadas em experiências vivenciadas e releituras de artigos sobre cinema e suas múltiplas possibilidades, aplicadas em escolas da rede pública municipal de ensino, cidade de Santa Maria-RS, dentro do CINEST- (Festival de cinema estudantil). Os encontros formados por professores e alunos do 7º, 8º e 9º anos, onde a sétima arte proporcionou aprendizado de conviver com as diferenças, regras e limites, reforçando a ideia de que, dando oportunidade, é possível mudar. A metodologia traçada encontra-se principalmente na ideia sobre pedagogia da autonomia, desenvolvida por Paulo Freire, onde vem instigar o professor a desenvolver e trabalhar com cinema e assim dar ao educando a oportunidade de revelar-se como sujeito da produção do saber, ajudando-o a construir seu caminho na educação. Sabe-se que usar cinema em sala de aula é uma evolução, mas, não é o que a realidade escolar vem nos mostrando. Como Imbernón, o modo utilizado para passar ensinamentos é tão importante quanto o que pretendemos ensinar, mas também no pensar diferente, com um olhar focado nos alunos e suas necessidades. Aproximar os alunos da arte cinematográfica, trabalhando em equipe, utilizando a imaginação, a sensibilidade, a observação, buscando esclarecer e acarear a eficácia do uso do cinema em sala de aula. Para obtenção de resultados positivos na realização de trabalhos a curto, médio ou longo prazo, se faz necessária a execução de um planejamento com ações revistas periodicamente. Acredito que esta é a forma possível de melhorar as condições do ensino-aprendizagem, levando o estudante a experimentar, desafiar, realizando descobertas através da sétima arte e o professor a valorizar não somente resultados, mas também as etapas do processo no contexto escolar.

Palavras-chave: Educação, Escola, Múltiplas possibilidades.

Bibliografia utilizada nas releituras

ALEX MOLETTA, Fazendo Cinema na Escola-1ed.Editora Summus editorial,2014 IMBERNÓN, F. Formação permanente do professorado: novas tendências. São Paulo: Cortez, 2009.

CHRISTENSEN, C.M. Inovação em sala de aula: como a inovação de ruptura muda a forma de aprender. Porto Alegre: Bookman, 2009.

DUARTE, R. Cinema e educação. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ESTEBAN S.; PAZ, M. Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MOTA, Leda; FUSARO, Márcia do Carmo Felismino. Cinema e Educação: reflexões e interfaces.

11. REGIDAS PELO CINEMA: CEI REGENTE FEIJÓ E CEI CHA IL SUN A PARTIR DA OFICINA DE *FILM LITERACY*

Pamela Bortoli
pam.dbmac@gmail.com

O presente trabalho tem por objetivo apresentar os principais resultados de oficinas realizadas com professores em duas escolas brasileiras de educação infantil. Essas oficinas foram baseadas em valores do film literacy, em que a produção fílmica é linkada ao currículo escolar. A ideia principal foi fornecer subsídios aos professores para que pudessem replicar a oficina em sala de aula com seus alunos, estimulando-os criativamente e valorizando o potencial de cada um. Assim, as aulas foram divididas por temáticas envolvendo a linguagem audiovisual juntamente com assuntos escolares. Como resultado final, as duas escolas criaram juntas um canal no youtube em que apresentam os filmes produzidos pelos professores e alunos; a participação em festival de cinema escolar e a criação de um cineclube para que os pais pudessem apreciar a produção de seus filhos, além de ficarem a par do que as escolas vêm desenvolvendo com as crianças. De fato, podemos concluir que houve uma mudança no cotidiano escolar com a chegada desse cinema, que visa mostrar a escola a partir do olhar dos professores e das crianças, ao mesmo tempo em que a escola muda por dar espaço ao cinema e tomar conta de seus espaços vazios. Com isso, temos a ideia de que com e a partir do cinema, podemos construir uma nova escola e também um novo cinema, em que ambos se entrelaçam e se complementam.

12. CINEMA E INCLUSÃO: OS DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM NA PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL

Pedro Bertoldi

pedrobertoldieducavideo@gmail.com

O presente artigo tem como objetivo propor reflexões sobre as práticas de educação inclusiva no âmbito da produção de vídeo estudantil em um espaço não formal de educação. Para tal efeito, se utiliza dos conceitos do Desenho Universal para a Aprendizagem (*Universal Design for Learning*) na tentativa de traçar novos métodos pedagógicos no processo de ensino-aprendizagem. Partindo do pressuposto de que a educação inclusiva procura assegurar o acesso, a participação e o sucesso de todas as crianças e jovens em contextos regulares de educação e ensino, combatendo-se deste modo qualquer forma de exclusão¹ e de que o conceito geralmente atribuído ao Desenho Universal para a Aprendizagem (daqui pra frente abreviado como DUA) corresponde a um conjunto de princípios e estratégias relacionadas com o desenvolvimento curricular que procura reduzir as barreiras ao ensino e à aprendizagem, o presente artigo analisa criticamente a experiência do Projeto CINECRAS, desenvolvido pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município de Morro Reuter, Rio Grande do Sul. Partindo desta observação, o artigo propõe novos planejamentos que atentem para a importância do desenvolvimento de práticas diversificadas de motivação e envolvimento dos alunos, que representem múltiplos processos de apresentação de conteúdo, bem como métodos avaliativos que respeitem a diversidade dos alunos. Em suma, partindo do entendimento de que se existem muitas formas de aprender, devem haver muitas formas de ensinar.

Referência

NUNES, Clarisse; MADUREIRA, Isabel. **Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas**. Invest. Práticas, Lisboa, v. 5, n. 2, p. 126-143, set. 2015. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-13722015000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 19 ago. 2018.

13. ARTE EM MOVIMENTO: MÚSICA E INCLUSÃO SOCIAL

PROJETO CRIAR E TOCAR

Zilmar de Souza Fiori ⁷
zilfiori1969@gmail.com

Rávilla Silva dos Santos⁷

Gisele Pacífico de Brito ⁷

Luiza Pereira Monteiro⁸

Este trabalho visa relatar a experiência vivida pelos alunos do 1º Período do Curso de Pedagogia, no percurso de produção do vídeo documentário de Curta-Metragem, sobre o Projeto Criar e Tocar. O filme é de natureza investigativa e estudantil. Foi realizado com a utilização de celulares como equipamento de gravação em produções fílmicas, no período maio a junho de 2018. O documentário é um gênero cinematográfico que tem como objetivo representar a verdade, relatar fatos e acontecimentos reais. Onde são narradas e contadas histórias verídicas, ainda que haja seleções de olhares e recortes da realidade em estudo. Os efeitos positivos dessa relação com a música foram evidenciados nas entrevistas com os estudantes. Os mesmos relataram acerca das contribuições para aprendizagem, o desenvolvimento do foco e da audição, além de estimular o desejo em relação à escola. Fundado em 2005, o projeto beneficia mais de 450 crianças e adolescentes por meio da cultura. Os custeios para manutenção e desenvolvimento das atividades sociais têm como parceiros: a UNIEvangélica e a Prefeitura Municipal de Anápolis. A fundadora e coordenadora geral do projeto é a professora Ms. Marisa Espindola. Foram feitas entrevistas e imagens com a gestora do projeto, professores, crianças e adolescentes em três de suas cinco unidades na cidade de Anápolis, Goiás. Teve como objeto de estudo, analisar e

⁷ Graduando(a)s do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – UEG/CCSEH.

⁸ Pós-doutorado em Sociologia da Infância pela Universidade do Minho, Portugal – Docente na UEG – Orientadora.

compreender a ação social do projeto, onde crianças e adolescentes de nove a dezessete anos, de baixa renda, aprendem teoria musical e a tocar um instrumento, além de aulas de reforço escolar e outras atividades relacionadas às artes plásticas. O Percurso Metodológico desse estudo teve como ponto de partida, base da pesquisa, uma exposição em sala de aula sobre cinema no Laboratório de Pedagogia – LAPE. Ao assistir ao filme de Josias Pereira, *SEM HPV - O Filme Que Ensina a Fazer Filme*, e ao filme *Abril Despedaçado* de Walter Salles, com debates e reflexões, tivemos nossas primeiras inspirações de como fazer vídeos e quais são as etapas necessárias para fazer um documentário, como: pesquisa sobre o tema, um bom roteiro, o conflito, como agem as personagens, cenas de ambiente, os planos, plano americano, os enquadramentos, o close-up, as sequências, as chuvas de ideias, aceleração das imagens, as frases longas e curtas, as pausas longas e curtas, os detalhes da cena, a solução do conflito, os diálogos em legendas, som, arte, direção, atores, etc.. Os realizadores tiveram como objetivo entender e vivenciar, no âmbito das artes visuais, o processo criativo do filme documentário e, com efeito, a função social e educativa da música, no processo de aprendizagem, desenvolvimento e inclusão de crianças e adolescentes, tendo como pano de fundo, o contexto social, cultural e econômico da cidade de Anápolis – Goiás. É preciso ter um olhar de acolhimento na formação de crianças e adolescentes, buscar vivenciar esse processo, como professores que seremos, pois a Educação e as Artes caminham juntas, são eixos formadores de opiniões e de sensibilidade estética e ética à criança e ao adolescente. A arte musical e outras podem emancipá-los para a vida, retirando-os do anonimato, diminuindo a timidez, a introspecção e criando um olhar libertário.

Palavras-Chave: Produção de vídeos. Música. Instrumento. Projeto Criar e Tocar.

14. PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Adriana Kovalski
adrinks@gmail.com

Este relato descreve a produção de vídeo estudantil como experiência pedagógica na sala de aula e pretende identificar os fatores que contribuem para a ocorrência de aprendizagens no Ensino Fundamental. O professor que tem como desafio ensinar com o uso das tecnologias, precisa inovar e o celular dos alunos, que possibilita gravar e editar vídeos, pode ser uma ferramenta de apoio pedagógico para a sala de aula. Planejando roteiros, gravando, editando, nossos alunos constroem conhecimentos. É por meio da troca de experiências, do trabalho em grupo, das interações, do despertar da curiosidade, que possibilitamos uma nova forma de ensinar com a produção de vídeos. Assim, o aluno ao produzir vídeo, pode expressar seu modo de ver o mundo, seus temores, músicas preferidas, suas representações de cotidiano. Com a arte dos vídeos, expressam também suas culturas, num contexto de aprendizagem, representando características do lugar onde vivem, de sua escola, de sua comunidade. O vídeo “Chega de Bullying”, foi elaborado pelos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Martinho Lutero, interior de São Lourenço do Sul no ano de 2017. Esse vídeo foi produzido e editado pelos alunos, com o apoio das professoras de Matemática e Educação Física. O tema foi escolhido após debate pelos alunos dos problemas enfrentados nas escolas pois o mesmo ainda é uma realidade presente na vida dos estudantes de todo o mundo. O vídeo demonstra a criatividade e envolvimento dos alunos, resultando em integração, diversão e aprendizagens mútuas. O vídeo estudantil é realizado na escola desde 2015, envolvendo vários temas e hoje faz parte de minha pesquisa de mestrado que visa investigar a produção de vídeo também nas aulas de matemática. O objetivo da pesquisa é portanto, verificar como os alunos do 8º ano da referida escola representam geometria em seu cotidiano. A pesquisa está em fase de desenvolvimento e será concluída em 2019.

15. O BOSQUE: O BULLYING PELO OLHAR DOS ESTUDANTES

Amanda Menger⁹

amandamenger@gmail.com

O enredo

O presente trabalho “O Bosque: O bullying pelo olhar dos alunos” é um relato da experiência de produção do curta-metragem homônimo, concluído em dezembro de 2017 pela turma Iniciante do Programa Municipal Escola de Cinema Educavídeo, de Gramado, Rio Grande do Sul. Esse curta-metragem aborda o bullying. A temática foi sugerida pelos próprios alunos, após a realização de uma atividade criativa, conduzida pelos professores Leonardo Peixoto e Lucas Mello Ness. A produção e gravação ocorreram entre os meses de setembro e dezembro e envolveram 23 alunos, três professores e um estagiário.

O curta-metragem traz a história de Irineu, um adolescente constrangido diariamente pelos colegas por conta de seu nome, mesmo com os protestos da professora. Cansado das humilhações, Irineu resolve se vingar dos colegas em um passeio feito pela turma em um bosque. Irineu surpreende os colegas que mais praticam o bullying e os mata. Ao final, sentindo culpa pelo que fez, Irineu se suicida em frente aos demais colegas e da professora.

A produção

O Educavídeo existe desde 2011 e tem como objetivo incentivar a produção audiovisual entre os alunos oriundos da rede municipal de ensino de Gramado. As atividades são gratuitas e ocorrem uma vez por semana. Em 2017, o programa atendia cerca de 50 alunos em três turmas. A referida produção foi feita pelos alunos do módulo Iniciante.

A história surgiu a partir de uma atividade de criatividade no qual todos os alunos deveriam dar contribuições. A partir disso foi elaborada a escaleta e o roteiro. Com o texto definido,

⁹ Jornalista e Professora de História. Mestre em Educação pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Professora de História na EMEF Senador Salgado Filho e de Produção Audiovisual no Programa Municipal Escola de Cinema Educavídeo – Gramado/RS.

passou-se a pré-produção, com a definição das funções, escolha dos atores, decupagem e ensaios. Os cenários foram o Lago Negro e a EEBE Santos Dummont, por ser próxima à sede do programa.

As gravações foram realizadas em três tardes, em novembro. Já a edição ocorreu em dezembro e foi realizada pelo estagiário, aluno do nível Avançado, com a participação dos alunos Iniciantes. O curta finalizado foi apresentado aos alunos de todos os módulos no dia 12 de dezembro, durante a noite de encerramento das atividades do ano, que contou com a participação dos pais. O vídeo estreará oficialmente em agosto de 2018, durante a noite do Educavídeo no Festival de Cinema de Gramado e depois estará no canal do programa no YouTube.

Considerações finais

A história de “O Bosque” é fictícia, no entanto, o problema é real. Recentemente, em maio, um jovem matou dez colegas no Texas, nos Estados Unidos (FAUS, 2018). Além da discussão sobre o acesso às armas de fogo, a história também envolve a violência escolar. O bullying e o suicídio também estão entre os temas da polêmica série da Netflix “13 reason why”.

Desta forma, observa-se que a temática está presente no cotidiano dos adolescentes. A produção audiovisual é uma forma de possibilitar aos jovens que apresentem sua forma de ver o problema, mostrar aos adultos como esse assunto é importante e como ele é potencialmente danoso.

Nessa produção em específico, o aluno William Bouffleur, que interpretou Irineu, deixou um depoimento ao fim da produção: “Eu gostei muito de participar, me identifiquei muito com o Irineu, porque também sou quieto e não tenho muitos amigos na escola. O Educavídeo é muito divertido e gostei muito de atuar”, relata. A participação nas atividades do programa possibilitou a ele um entrosamento e novas amizades.

A produção ressalta a importância do professor, mostrando que só chamar a atenção durante as supostas “brincadeiras” não é o suficiente, sendo necessária uma intervenção maior, a fim de evitar o sofrimento dos alunos tanto de quem é vítima quanto de quem pratica a ação.

Link do vídeo no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=Bik9wxGmA-A>

Referências

ALUNOS gravam no Lago Negro. **Educavídeo**, 9 nov. 2017. Disponível em: <http://www.educavideogramado.com.br/alunos-gravam-no-lago-negro/>. Acesso em 28 mai. 2018.

FAUS, Joan. “Nascido para matar”: o rastro de violência do atirador do Texas. **El País**, 22 mai 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/18/internacional/1526670341_040985.html. Acesso em 28 mai. 2018.

PRODUÇÕES são exibidas em noite de encerramento. **Educavídeo**, 13 dez. 2017. Disponível em: <http://www.educavideogramado.com.br/producoes-sao-exibidas-em-noite-de-encerramento/>. Acesso em 28 mai. 2018.

16. DESAFIO 194 SEGUNDOS - PRODUÇÃO DE UM CURTA EM 72 HORAS

Lucas Miranda Campos¹⁰

lucas.ipp.prof@gmail.com

Andréa Rodrigues da Silva

byandrea@gmail.com

Cristina Domingues Lemos

cristinadlemos@gmail.com

Diego Comerlato Walter

diegocomerlatow@gmail.com

O Núcleo de Educação Audiovisual tem como uma de suas propostas principais proporcionar aos estudantes da rede pública de São Leopoldo, a experiência de produção de vídeos de cunho pedagógico e cultural. O foco das produções visam a relação ensino aprendizagem de forma significativa e lúdica. Sendo assim, e 2018 foram lançados, além do tradicional festival São Léo em Cine outros dois festivais e mostras: Minuto Mudo e Desafio 194 segundos. O “Desafio 194 Segundos” trata-se de um projeto que tem por objetivo instigar e aumentar a produção audiovisual estudantil de São Leopoldo, gerar a troca de conhecimentos entre os participantes e proporcionar uma reflexão acerca dos valores patrimoniais e culturais que caracterizam São Leopoldo. A proposta do desafio é a produção de um curta de 194 segundos em 72 horas. Participaram do desafio alunos de escolas públicas (municipais e estaduais) do município de São Leopoldo. Foram inscritas 12 equipes e cada uma delas cumpriu o desafio completando a produção do curta inteiramente em 3 dias (72 horas). As equipes foram compostas por no mínimo 1 aluno, 1 professor e 1 membro da comunidade escolar (responsáveis, funcionários, moradores do bairro). A fim de garantir que os curtas fossem totalmente produzidos dentro do prazo, na largada do desafio foram divulgados quatro elementos obrigatórios. A partir destes elementos, as equipes

¹⁰ Os autores do texto são integrantes do Núcleo de Educação Audiovisual (NEA) da Secretaria Municipal de Educação (SMED) da cidade de São Leopoldo - RS.

organizaram os roteiros, gravações e montagem das suas produções. O tema principal das produções foi o patrimônio histórico material e imaterial de São Leopoldo, evidenciando a comemoração dos 194 anos da Imigração alemã. Dado este que gerou o nome do desafio 194. Além deste tema central as equipes puderam trabalhar outros assuntos de grande importância, tais como Educação ambiental, Educação para Alimentação Saudável, Promoção de Cultura de Paz, Direitos Humanos e Educação para saúde sexual e reprodutiva, entre outros; A exibição das obras participantes ocorreu dentro da programação da São Leopoldo Fest 2018, no dia 1º de agosto e a premiação no dia 3 de agosto, na Arena das Artes, no Centro de Eventos da Prefeitura de São Leopoldo. Os jurados premiam os destaques de Fotografia, Patrimônio Histórico e Arte. Além destes três, houve também a escolha do Júri Popular, onde os mais de 200 espectadores puderam escolher seus filmes preferidos. O desafio do 194 segundos envolveu alunos, professores, coordenação e comunidade escolar, proporcionando um aprendizado do patrimônio histórico, arte e cultura de nossa cidade. Também oportunizou aos estudantes o exercício da criatividade diante de um desafio com tempo determinado em 72 horas. <https://nucleo-deeducacao-audiovisual.jimdosite.com/>.

17. VÍDEO: ROMEU E JULIETA

Brisa Dias Barros

brisa.barros19@gmail.com

Bianca Rocha Lima

(Apoio)

O curta metragem Romeu e Julieta, foi produzido no ano de 2017, com o objetivo de participar do CURTA 5-Festival Estudantil de Curtas e realizar uma crítica as relações frágeis constituídas na atualidade, especialmente nos relacionamentos amorosos. Ao realizar um contraste do clássico Romeu e Julieta com um casal contemporâneo, demonstra que a morte não é a única barreira de um relacionamento e que os conflitos estão presentes a todo o momento. A temática de “Romeu e Julieta”, obra de William Shakespeare escrita no final do século XVI, retrata o emblemático amor juvenil em que os protagonistas impedidos pelas adversidades familiares, preferem a morte a viver longe um do outro. Partindo da ânsia de representar esse amor juvenil de forma culta, foi escolhida esta tragédia de Shakespeare para ser adaptada correlacionando a modernidade e um dos motivos de término em uma relação de amor líquido. A respeito do relato de experiência, é imprescindível abordar o quanto enriquecedor foi o aprendizado proporcionado com a produção do vídeo Romeu e Julieta, pois, foi compreendido e construído todo o processo necessário para a produção do mesmo, que parte desde a elaboração de um bom roteiro. A criatividade foi fundamental, não apenas para escrita do roteiro, como inclusive para as técnicas de gravação e edição, e caracterização do figurino. Inúmeras foram as dificuldades para conclusão do vídeo, dadas principalmente pela inexperiência do grupo com o audiovisual. Mas, com a direção norteada pelo professor Benival Júnior da disciplina de artes, a produção artística foi se moldando até a obtenção de um gratificante resultado e aproximação ao que antes era algo longe da realidade da equipe. Assim, a percepção que é apenas gravar um vídeo sem todo um trabalho por trás, foi redirecionada à indispensabilidade e a importância de cada etapa. O curta ampliou o conhecimento dos envolvidos, visto que, possibilitou o desenvolvimento artístico, educativo, cultural e técnico. Além de ter incentivado a produção audiovisual, o interesse as áreas:

cinematográfica e das artes cênicas e o entusiasmo ao ensino-aprendizagem de forma mais dinâmica. Essa experiência possibilitou a descoberta de uma afinidade com a área, já que, após a gravação do curta, muitos dos integrantes se interessaram por cinema ou artes cênicas e participaram de outros projetos relacionados. Também suscitou a valorização do trabalho desempenhado por todo elenco e equipe técnica, juntamente com o mérito proveniente do esforço, da responsabilidade e da cooperação do trabalho em grupo.

Link do curta: <https://youtu.be/VCzq-BFCYwE>

18. VÍDEO: WEBSÉRIE VALORES

Gabriel Ferraciolli

gferraciolli@gmail.com

Escola Estadual Padre João Greiner

Campo Grande - MS

O presente vídeo foi proposto para a turma do Ensino Médio da Escola Estadual Padre João Greiner como forma de discutir os Eixos Transversais proposto pelo Ministério da Educação (BRASIL, 1997) para estimular os alunos a compreender a cidadania como participação social e política. A linguagem cinematográfica pode viabilizar a aprendizagem dos conteúdos acadêmicos e ampliar a visão de mundo do aluno, à medida que a instituição propicia o acesso à cultura, à arte e à comunicação audiovisual (COLAUTO; SILVA; TONIN, MARTINS, 2017), dessa forma a temática aborda tanto o aprendizado cultural quanto das mídias audiovisuais. A proposta consistiu e trabalhar com os alunos as mídias audiovisuais para se expressarem sobre o tema. Para Christensen, Horn e Johnson (2012) o desafio da motivação do aluno é uma barreira cada vez mais problemática para melhorar o aprendizado pelos alunos. Como metodologia, foi trabalhado a sequência dos vídeos em formato de web-série para segmentar as narrativas em dois pontos de viradas, por isso, a divisão em três episódios. A sala composta por dez alunos, se dividiu em equipes que ficaram responsáveis por: roteiro; *storyboard*; produção (gravação); e edição; dessa forma, foi desenvolvido a integração da turma e o trabalho em equipe. Dentre os temas transversais, os alunos optaram por abordar sobre Ética. O roteiro foi desenvolvido seguindo modelo utilizado por produtoras e agências de publicidade, assim como o *storyboard*, ambos seguindo os moldes propostos por Barreto (2010). Os alunos se encarregaram de organizar o cronograma das filmagens que ocorreram nas imediações da escola, em que os próprios alunos atuaram e conseguiram os figurinos dos personagens. Dentre o conteúdo programático, iniciou-se o assunto acerca dos eixos transversais, a importância dos temas, a linguagem audiovisual, a história do cinema, as regras de enquadramento, a pré-produção - contendo sinopse, roteiro e *storyboard* -, a gravação em si e a edição na pós-produção. O professor exerce o papel

fundamental de mediar o conhecimento aos seus alunos por meio de análise cinematográfica, ou seja, a instituição deve propiciar um local privilegiado para se trabalhar o saber científico e sistematizado, bem como momentos para que os alunos se apropriem da diversificação da cultura audiovisual. (COLAUTO; SILVA; TONIN, MARTINS, 2017), sendo assim, a escola tem papel fundamental em colaborar com o professor para execução do trabalho. Como resultado obtido, têm a sequência de três vídeos da web-série que os somando juntos, têm-se nove minutos e 36 segundos de história com começo, meio e fim. A prática pedagógica pode proporcionar aos alunos a possibilidade de pensar a respeito de um tema e abordá-lo em plataforma de vídeo, cujo os alunos possuem grande interesse, principalmente em virtude dos novos hábitos de consumo, como filmes, séries e vídeos em redes sociais.

Referências Bibliográficas

BARRETO, Tiago. *Vende-se em 30 segundos: manual do roteiro para filme publicitário*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CHRISTENSEN, Clayton M.; HORN, Michael B.; JOHNSON, Curtis W. *Inovação na sala de aula: como a inovação disruptiva muda a forma de aprender - tradução: Rodrigo Sardenberg*. – Ed. atual. e ampl. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Bookman, 2012.

COLAUTO, Romulo D.; SILVA, Oscar L da; TONIN, Joyce M. da F.; MARTINS, Sidney P. *Filmes no processo de ensino e aprendizagem in Revolucionando a sala de aula : como envolver o estudante aplicando as técnicas de metodologias ativas de aprendizagem / organização Edvalda Araújo Leal, Gilberto José Miranda, Silvia Pereira de Castro Casa Nova*. – 1. ed. – São Paulo: Atlas, 2017.

Link do vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=8-KDFwAV3bE&list=PLwoKCGDXRCtuOHm3YTnVJsxEWt6n-1s2I>

19. O CINEMA COMO POTÊNCIA CRIADORA – O CASO DO FILME *LINHAS TORTAS*

João Pedro Wizniewsky Amaral

shuaum@gmail.com

Rafael Salles Gonçalves

Thomás Dalcol Townsend

Este trabalho é um relato de experiência de um projeto de letramento e criação audiovisual, desenvolvido entre junho de 2017 e janeiro de 2018 em uma turma do último ano do Ensino Médio do Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac, escola pública de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Este projeto educacional teve como objetivos: a) apresentar aos educandos elementos da linguagem audiovisual; e b) criar um filme original, contando com a participação direta dos alunos em todas as etapas de produção. Chamamos a metodologia de nosso trabalho de baralho de personagens, e seus procedimentos estão descritos a seguir. Começamos as atividades com oficinas teórico-práticas de sensibilização cinematográfica a partir de análise de produções audiovisuais, identificando, em conjunto, elementos como as partes de um roteiro e representação de personagens. Depois disso, lançamos o desafio para os alunos criarem individualmente uma personagem original. Cada descrição deveria conter características físicas e psicológicas, gostos, hábitos, manias e um breve histórico. Reunimos as personagens e uma professora da disciplina de literatura realizou a escolha de três levando em conta critérios como criatividade, coerência e complexidade da descrição. As três personagens escolhidas da turma foram: Francisco, um professor de literatura casado com um policial; Caco, um jovem integrante de uma gangue especializada em assaltar bancos; e Lucas, um camelô que sonha em se tornar rapper. Ao apresentarmos as três personagens selecionadas para a turma, eles tiveram que inventar, com as três selecionadas, várias possibilidades de argumentos para cinema. Realizamos uma tempestade de ideias e registramos mais de vinte sugestões de argumentos. A turma, então, decidiu fazer um roteiro juntando elemento de várias dessas histórias. Com a história definida, a turma dividiu-se em equipes de roteiristas, atores, produtores e diretores. Em seguida, quatro alunos foram

os responsáveis para transformarem a história em um roteiro original para cinema, que a turma batizou de *Linhas Tortas*. Ambientado na escola e imediações, foi interessante notar como os alunos conseguiram apontar soluções criativas para problemas que surgiram no roteiro. Por exemplo, duas das locações escolhidas para o filme foram um banco e uma prisão. Para tal representação, eles tiveram a ideia de transformarem a secretaria em um banco e o refeitório do colégio em uma prisão. Os alunos mostraram um engajamento exemplar ao se organizarem de forma extraclasse nos horários de gravações e se preocuparem com elementos do figurino e da produção. A partir de entrevistas conduzidas com os alunos participantes do projeto, alguns de seus professores e gestores educacionais da escola, percebemos que, após a produção do *Linhas Tortas*, os alunos, de modo geral, tornaram-se mais interessados em sala de aula, melhoraram o convívio em grupo e começaram a se interessar mais pelas artes e ficção em geral. Outrossim, a turma em que desenvolvemos o projeto era considerada problemática, com notas ruins em geral e problemas comportamentais. Depois dessa atividade de criação audiovisual, muitos docentes afirmaram estar surpresos com os resultados, pois houve uma melhora considerável na turma, tanto no rendimento quanto nas atitudes.

20. O RESGATE DO LEITOR: EM BUSCA DO FINAL FELIZ

Luciane Benites Hersing

EMEFs Dr. Jorge Germano Sperb & Castro Alves

bhersing@gmail.com

O relato a seguir apresenta uma experiência de prática de ensino, realizado nas aulas de Artes e Literatura de duas Escolas de Ensino Fundamental, da Rede Municipal de Ensino. Este trabalho descreve uma possibilidade de utilizar a leitura como ponto de partida para dramatização de histórias, construção de roteiros e produção de cenas e vídeos, buscando a interação entre as disciplinas de Artes e Literatura.

Palavras-chave: Teatro. Literatura. Interdisciplinaridade. Cinema.

Introdução

Desenvolver a produção de audiovisual em escolas públicas de educação básica buscando a autonomia do aluno, seu desenvolvimento como sujeito biopsicossocial e ainda produzir cinema estudantil; requer disposição e determinação, pois os entraves e recursos escassos estão além da boa vontade e do desejo docente.

O trabalho foi desenvolvido em seis turmas, de duas escolas diferentes: dois oitavos anos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, uma turma com vinte e oito alunos, e a outra com 27 alunos, faixa etária 13 a 16 anos, dois nonos anos, faixa etária 14 a 17 anos, uma turma com 28 alunos e a outra com 39 alunos, uma turma de Educação Infantil, com 21 alunos, faixa etária de 5 a 6 anos e uma turma de primeiro ano dos Anos Iniciais, com 28 alunos, faixa etária de 6 a 7 anos.

Durante as aulas de Artes desenvolvo com os alunos o contato com todas as linguagens da Arte: artes visuais, teatro, dança, música e cinema, proporcionando um ambiente com a

possibilidade de integração de habilidades e competências onde todos estejam envolvidos no processo criativo de vivenciar as linguagens artísticas.

É preciso ver, vivenciar, experimentar a Arte, ler as obras e compreender; porém o “ler” tem sofrido um mordaz esquecimento. O desenvolvimento da comunicação tecnológica através de aplicativos e redes sociais tem reduzido cada vez mais o vocabulário dos alunos com o uso de abreviações e *emoticons*, acelerando a velocidade da comunicação, porém reduzindo o uso de frases inteiras. Propiciar momentos de leitura, debates e conversas sobre contos faz se necessário, nosso mundo visual, virtual e informativo, com aplicativos e facilidades a um botão de distância, distância cada vez mais nossos alunos do texto literário. Estamos formando leitores de informações em *timelines* mas não leitores que compreendem e desenvolvem o apreço pela leitura.

O presente trabalho relata uma experiência de ensino realizado nas aulas de Artes em parceria com as professoras de Literatura, Hora do Conto - Biblioteca e Regência de Classe de duas Escolas de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino. Durante o ano letivo de 2018, os alunos participaram de atividades envolvendo a leitura de contos e peças, prática teatral, criação de roteiros e o uso de aplicativos de edição de vídeos. O relato ‘O resgate do Leitor’, descreve uma possibilidade para desenvolver a leitura na escola unindo o Teatro, a Literatura e o Cinema, criando narrativas audiovisuais e produzindo curtas-metragens estudantis.

Objetivos

Objetivo Geral:

Desenvolver a criação de roteiros para a produção de curtas estudantis a partir de contos e peças lidos nas aulas de Artes e Literatura, realizando improvisações das histórias nas aulas de Artes, e editando os curtas com aplicativos de edição de vídeos disponíveis gratuitamente para *smartfones*.

Objetivos específicos:

- Identificar as características dos textos literários e dramatúrgicos.
- Assistir e analisar filmes adaptados da literatura para o cinema.
- Criar o roteiro a partir dos contos lidos.
- Improvisar as cenas descritas nos roteiros.
- Escolher o elenco e a equipe de produção.
- Ensaiar os atores, as cenas e organizar as marcações.
- Organizar figurinos e cenários.
- Gravar as cenas.
- Editar os vídeos e áudios.
- Analisar e avaliar cada etapa do projeto e verificar se os objetivos foram atingidos ao final do processo.

Desenvolvimento:

A primeira etapa do trabalho começou com a leitura de contos em aula, os alunos dos Anos Finais leram os contos durante as aulas de Literatura, os alunos dos Anos Iniciais ouviram as histórias durante as atividades de “Hora do Conto”.

A colaboração das professoras de Literatura e Regentes de Classe dos Anos Iniciais foi essencial para o desenvolvimento do trabalho. Trabalhar em equipe, integrando disciplinas, diferentes olhares e saberes docentes, proporciona para o aluno aulas significativas, onde um projeto integrado faz sentido para cada aluno envolvido, todos construindo coletivamente com suas habilidades e competências, a partir de um tema que gera os objetivos do trabalho.

O tema gerador proposto por Paulo Freire, criou uma nova forma de conceber o conhecimento e a formação humana. Buscando uma educação humanizadora cultivando o conhecimento de forma interdisciplinar, articulando saberes e resgatando a experiência da vida prática do professor e do aluno. Propor a troca de saberes num círculo de cultura, onde o resultado é um objetivo, mas a jornada é muito mais significativa para o educando.

Começamos o trabalho em março, escolhendo alguns livros de contos e peças para leitura com os alunos. Nas aulas de Artes lemos as peças e nas aulas de Literatura contos. Nas turmas do Primeiro Ano e Educação Infantil as professoras leram em aula contos para a turma. Assistimos filmes baseados em contos clássicos da dramaturgia e literatura: Monteiro Lobato, Machado de Assis, William Shakespeare, Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen.

Na segunda etapa, durante os meses de maio e junho, realizamos com os Anos Finais improvisações com as histórias lidas. Seguindo para a escrita de roteiros em duplas. Cada dupla escreveu um roteiro sobre os mesmos contos lidos, apresentando para turma. Seguimos para o estudo dos planos de câmera, para cada uma das cenas dos roteiros escolhidos pela turma. Nas turmas de Anos Iniciais os alunos dramatizaram as histórias e depois registrei o roteiro a partir das cenas que os alunos escolheram para dramatizar. No mês julho ocorreram ensaios, organização, decupagem, produção de figurinos e no mês de agosto as filmagens e edição.

Neste projeto decidimos não usar computadores, somente editores de vídeo gratuitos para *smartphones*; oportunizando assim que mais alunos e professoras se envolvessem na edição dos curtas. As chuvas constantes durante o outono e o inverno interferiram na agenda das gravações: alunos doentes faltavam e cenas que seriam gravadas na rua foram adiadas.

Conciliar seis turmas, duas escolas e quatro colegas professoras foi um processo árduo, mas gratificante. Uma das escolas acolheu o projeto com mais empenho do que a outra, mas em ambas conseguimos produzir boas histórias.

O mais importante foi o envolvimento dos alunos analisando filmes, comparando roteiros, ensaiando os papéis, criticando cenas que não ficaram boas e escolhendo bons ângulos para filmagem. Perceber o processo de aprendizagem pela construção coletiva foi muito satisfatório e gratificante.

Resultados e discussão

O objetivo de formar escritores de roteiros foi atingido, resgatando a escrita em letra cursiva e com uso de editores de textos para *smartphones*. Alguns alunos foram mais empenhados do que os outros, a aula ficou barulhenta, caótica, mas havia alunos entusiasmados ou pelo

menos mais interessados nas atividades, deixando de lado os aplicativos, as redes sociais e fazendo parte do coletivo.

O processo de leitura em aula não foi desenvolvido naturalmente, foi necessário “vender a história” contar boa parte do livro para instigar a leitura para chegar ao final. Comparei o “herói” ou “heroína” com a história pessoal deles: suportando suas dores, vencendo obstáculos em busca de um final feliz. A leitura não é um processo instantâneo, precisa de tempo, de escuta, de troca, apaixonar-se ou reapaixonar-se pelas palavras, e num mundo de abreviações e *emojis*, busco espaço para a poesia, para aventura épica e para as grandes odisséias. A leitura silenciosa, oral e visual precisa ser cultivada, desenvolvendo o raciocínio crítico, produzindo sentidos, rompendo aspectos superficiais do texto. Quando a atividade de leitura ganha outros significados o aluno passa a ler o mundo.

Sobre a leitura na escola, ainda busco mais resultados, sonho com alunos buscando as bibliotecas das escolas para encontrar mais livros, mais heroínas e heróis, mais sagas, mais aventuras, muitas jornadas e muitos, mas muitos finais felizes nas páginas, na tela e na vida real.

Referências bibliográficas

BROOK, Peter. A Porta Aberta: Reflexões sobre a interpretação e o teatro. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2005.

ESTÉS, Clarissa Pikola. Mulheres que correm com os lobos. Rio de Janeiro, RS: Rocco, 1994.

GERBASE, Carlos. Cinema Primeiro Filme. Descobrindo. Fazendo. Pensando. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2017.

LESTRADE, Agnes de. A Grande Fábrica de Palavras. Belo Horizonte, MG: Aletria, 2010.

MCDONNELL, Patrick. Nada de presente. São Paulo, SP: Girafinha, 2007.

NESBIT, Edith, AGUIAR, Luiz Antônio. 10 peças de Shakespeare. Belo Horizonte, MG: Gutenberg, 2011.

PRADO, Leandro Lemes. Mulheres inevitáveis. Porto Alegre, RS: Pradense, 2010.

RAMOS, Bruna Sola da Silva. Paulo Freire e a pesquisa em Educação. Porto Alegre, RS: Sulina, 2016.

21. FILME: DAS CRIANÇAS DO SÃO BENTO PARA O MUNDO

Luis Gustavo Guimarães¹¹
luis_gustavogui@hotmail.com

O filme “Das Crianças do São Bento para o Mundo” foi produzido por alunos de uma escola rural de turmas do 6º ao 9º ano da Educação Básica do município de Valinhos/SP. O bairro em que residem dá nome ao filme e seu cotidiano é apresentado em forma de filme-carta em resposta às crianças Ikpeng. A proposta surgiu pela provocação do dispositivo de criação proposto pela Rede Kino – Rede Latino-americana de Educação, Cinema e Audiovisual para a Mostra de Filmes da Educação produzido em contexto escolar como parte da programação da 12ª Mostra de Cinema de Ouro Preto (CINEOP-2017). O dispositivo “Kino Carta Lugar” propunha que as crianças/jovens pudessem assistir ao filme “Das Crianças Ikpeng para o Mundo” realizado por cineastas indígenas do Projeto Vídeo nas Aldeias e observar o que era apresentado e também o que ficava fora das imagens e, em resposta, os alunos deveriam inventariar o seu universo de forma audiovisual compondo um filme-carta. Os alunos dessa unidade educacional participavam de uma oficina de Cinema do Projeto Ação Cultural do Serviço de Apoio ao Estudante da Universidade Estadual de Campinas/SP – Brasil. As atividades foram oferecidas no contraturno escolar onde os alunos produziram seus próprios filmes, imagens e sons, partindo da experiência com o primeiro cinema e vivenciaram experiências de criação de imagens as quais foram registradas utilizando as pistas do método cartográfico. Esse filme apresenta os gestos de criação de meninos e meninas que explorando smartphones e câmeras cartografaram seus lugares de vivência, transformando sons e imagens em alteridade de um tempo presente em constante mutação.

Link do filme: <https://youtu.be/SaoDgp2F>

¹¹ É Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas SP, tendo realizado uma pesquisa sobre o Fazer-Cinema na Escola. Pedagogo pela Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) e atua como Coordenador Pedagógico em escolas da Educação Básica na Prefeitura Municipal de Valinhos/SP.

22. O MOVIMENTO CINECLUBISTA NA ESCOLA

Luiz Claudio Motta Lima

Núcleo de Arte Grécia

Subúrbio em Transe

cineclubesuburbioemtranse@gmail.com

O presente relato busca uma reflexão sobre a relação entre o movimento cineclubista e a atividades propostas em sala de aula, a partir do encontro entre Cinema e Educação no interior do espaço escolar. A partir da abordagem de Clair (2008) podemos concluir que os “cineclubes também são locais de resistência cultural e política”, portanto o encontro entre Cineclubismo e Educação se dá sem regras de imediato, e sim através do afeto, onde ver e debater os filmes estimula a busca pelo conhecimento. Ainda é bom reafirmar que como “movimento cineclubista” entende-se toda mobilização em torno do cinema. Assim, o cineclubismo não é só exibir um filme. É antes de tudo uma concepção, que leva um grupo de cinéfilos a se mobilizar para o encontro em torno do cinema. Exibir é importante, mas além disso, organizar as sessões, divulgar, debater e também realizar as produções dos filmes, são algumas das etapas necessárias para a realização do cineclube. Porque para fazer filmes é importante ver as outras realizações de diferentes diretores de outros países. O encontro e a troca de ideias traz conhecimentos novos e propicia a possibilidade de rever seus próprios conceitos. Com a finalidade de ser espaço de diálogo e troca o cineclube Grécia teve sua primeira sessão em 2008. Agora, 10 anos depois podemos trazer nossas experiências para um diálogo mais amplo sobre as amplas possibilidades do cineclubismo no espaço escolar. No cineclube Grécia os alunos têm a responsabilidade de organizar as sessões e também de convidar uma pessoa para participar do debate. Esta pessoa pode participar da equipe do filme ou ser um profundo conhecedor do tema da sessão. As sessões do cineclube Grécia são mensais e conta com um público médio de 100 espectadores por evento. A criação deste cineclube está vinculada ao projeto cineclube nas escolas da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, que teve seu início em 2008 e atualmente têm um número expressivo de escolas participantes. Além desta ligação institucional com a Secretaria Municipal de Educação o cineclube Grécia tem uma íntima relação com o

cineclube Subúrbio em transe, fundado no dia 07/07/07, pelo autor deste artigo e os alunos do Núcleo de Arte Grécia na época: Leonardo Oliveira, Hugo Labanca e Iam Lindesay. Embora, os alunos do Núcleo de Arte Grécia já produzissem seus curtas antes da criação do cineclube Grécia, depois da criação do cineclube houve uma maior identificação do aluno nas produções e suas escolhas estéticas.

Na busca de uma Educação mais justa é imprescindível a prática do convívio e análise do mundo. Neste sentido o cineclubismo na escola permite um olhar mais crítico sobre a realidade, além incentivar o debate e as trocas de conhecimentos entre alunos, professores, funcionários, responsáveis e a comunidade escolar como um todo.

Palavras-chave: Escola; Educação audiovisual; Coletivos Culturais; Cineclubismo.

Referências Bibliográficas

CLAIR, Rose. Cineclubismo: Memórias dos anos de Chumbo. Luminária Academia. Rio de Janeiro, 2008.

PEREIRA, Josias. Neurociência na produção de Vídeo Estudantil. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/roquettetpinto/files/2017/03/1-ajosias-Neurociencia-e-a-produ%C3%A7%C3%A3o-de-video-estudantil.pdf>, última visita 2018.

LIMA, Luiz Claudio Motta. A trilogia da paisagem carioca na obra de Nelson Pereira dos Santos. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia. UERJ, 2006.

23. PRODUZINDO “PÂNICO NO ACAMPAMENTO”

Mara Rosana Leston Cezar
maracezar.arte@gmail.com

Durante quatro anos no âmbito da licenciatura, desenvolvi uma pesquisa-ação em metodologia no ensino de cinema em sala de aula com alunos da rede pública de ensino do Rio Grande do Sul (bolsa PIBIC). O trabalho visava a pesquisa, desenvolvimento e aplicação de aulas de arte-educação tendo como eixo a produção de cinema em sala de aula com mídias alternativas (celulares, câmeras de vídeo digital, câmeras fotográficas digitais). As práticas consistiam em exercícios do olhar, compreensão da linguagem cinematográfica através de exemplos do cotidiano, manuseio de equipamentos e produção coletiva de um curta metragem, considerando os eixos norteadores do ensino em arte visados nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais-BR) que são: produzir, apreciar e contextualizar as artes. A experiência aqui relatada diz respeito a turma de ensino fundamental do 5º ano do Centro de Atenção Integral a Criança-CAIC em Rio Grande - RS, que resultou na produção do curta metragem “Pânico no Acampamento”. Ocorreram 06 encontros de 3hs com o grupo. Inicialmente, foi feito um levantamento sobre as influências e repertório fílmico do grupo. Seguiu-se a produção pelos alunos de molduras que foram utilizadas para exercício do olhar feito nos arredores da escola. Durante o momento da produção das molduras, conversamos muito, sobre diversos temas, o que possibilitou conhecer o grupo melhor. Falamos sobre família, interesses, atividades fora do âmbito escolar, amizades, medos. A Partir dessa conversa, o grupo começou a definir o roteiro e a apontar o lugar para filmar. Após o exercício com as molduras, os alunos tiveram seu primeiro contato com as câmeras a serem utilizadas nas filmagens.



Figura 1 - Máscaras produzidas para o exercício do olhar.



Figura 2 – Autora durante exercício do olhar.



Figura 3 – Alunas durante exercício do olhar com câmeras.

Os alunos assistiram ao filme “A Fantástica Fábrica de Chocolate”, de Tim Burton (2005), e posteriormente, com o auxílio de trechos do filme e de pequenos vídeos produzidos por mim com imagens captadas no interior da escola, fez-se um estudo de elementos básicos da linguagem cinematográfica. A criação do roteiro coletivo se deu a partir das ideias e temas de interesse que surgiram no primeiro encontro. E em um momento de *brianstorm* do grupo, colheu-se os pontos comuns, e o grupo então criou o roteiro para o filme. As cenas foram gravadas nos arredores da escola, onde todos os alunos participaram como atores. A edição foi feita por mim, e posteriormente exibido o filme em sala de aula. A experiência demonstrou que o **contato com o real de uma produção cinematográfica** com imensa importância ao **ato de filmar e ao trabalho em grupo**, pois a experiência da passagem ao ato é, em sua teoria, insubstituível, por suscitar um saber não acessível apenas pela análise dos filmes (BERGALA, 2008), é capaz de proporcionar ao aluno envolvido a sua assunção enquanto indivíduo e sujeito sócio-histórico-cultural do ato de conhecer, emancipando-o, ou seja, conferindo-lhe autonomia (FREIRE, 1999) enquanto subjetividade diversa inserida em um grupo.

Referências

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- BERGALA, Alain. *A hipótese-cinema Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Tradução: Mônica Costa Netto, Sílvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink - CINEAD LISE-FE/UFRJ, 2008

24. RESGATANDO HISTÓRIAS E ESCRREVENDO MEMÓRIAS

Maria Dolores Ribeiro de Souza¹²

Valdomiro Batista Rocha Marques¹³

ceidecabeceira@yahoo.com

Este relato de experiência trata de questões sobre cinema e educação entrelaçado com elementos que permitem compreender a imagem móvel imbricada com a contemporaneidade. Tece algumas relações entre linguagem visual e sonora a partir do olhar e do ver, percebendo as composições imagéticas como construtoras de sentido e de significação, visando à construção de uma educação escolar mais humanizada, crítica e reflexiva. Em nossa prática pedagógica dialogamos com a área de Cinema e Educação a partir da leitura de vídeos/filmes e da construção de vídeo estudantil, tendo os estudantes participação direta na produção dos trabalhos e os professores/coordenadores sendo mediadores. A experiência com Curta Estudantil começou em 2011, na Escola Municipal Domingos de Oliveira, Povoado de Limeira, quando o professor Valdomiro Marques, da área de Língua Portuguesa teve a ideia de criar uma oficina de cinema com seus alunos, para que aprendessem a matéria de forma mais interativa. De lá para cá, o projeto foi ampliando e no ano 2013 ganhou adesão da professora Maria Dolores Ribeiro de Souza, ambos iniciam um trabalho em cinema/educação na Escola Municipal Francisco Antônio de Vasconcelos, Povoado de Cabeceira. Desta forma, com a participação dos alunos do 6º ano fomos ao Povoado de Caiçara e fizemos um documentário com o tema “Meio Ambiente”. Já no ano de 2014 por meio do Projeto Cineart: resgatando histórias e escrevendo memórias, sob a coordenação da Professora Maria Dolores Ribeiro de Souza e do Professor Valdomiro Marques foram desenvolvidas as seguintes ações e formação na área do audiovisual:

*Momento de formação sobre fotografia/cinema, por meio do Programa Janela Indiscreta-

¹² Especialista em Arte-Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).
Especialista em Educação, Cultura e Memória pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).
Professora da Rede Municipal de Ensino de Vitória da Conquista - BA

¹³ Licenciatura em Letra – FTC de Vitória da Conquista. Professor da Rede Municipal de Ensino de Vitória da Conquista - BA

UESB; Participação em cursos, oficinas, festivais de cinema; I workshop, etc.
 *Representação no grupo “Lentes Rurais”; *Construção de roteiros; *Trabalho com o conteúdo cinema/fotografia a partir da disciplina de Artes e da oficina de Cinevídeo do Programa Mais educação com alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. *Cineclube; *Trabalhos interdisciplinares com filmes.

- 1ª Mostra de Cinema de Cabeceira ocorrida em 2015 – contou com a participação de membros do Janela Indiscreta- UESB;– Programação: exibição do documentário “Memórias de minhas lidas”, e também curtas nacionais; Atividades desenvolvidas: exposição de trabalhos de arte sobre filmes assistidos na escola;
- 2ª Mostra de Cinema de Cabeceira ocorrida em 2016 – Programação: Abertura com um momento cultural com músicas; exibição dos vídeos estudantis: “Memória de vida”(Lola e Hilda); “Falas e bocas”; Juventude perdida”; “O príncipe e as princesas”; “Educação X Violência”; “Tragédia”. Atividades desenvolvidas: oficinas de arte (teatro, teatro de sombra, dança, música e artesanato);
- 3ª Mostra de Cinema de Cabeceira ocorrida em 2017 - Programação: Abertura com um momento cultural com músicas e apresentação de dança; exibição de vídeos estudantis produzidos pelos alunos do 7º ao 9º ano: “História de Carla”; “A justiça”; A traição”; Amor impossível”; As três amigas”; Baleia azul, o jogo mortal”; Bullying na escola”; “Chaves”; Gravidez na adolescência”; “O assalto”; O crime não compensa”; “O medo”; “O sequestro”; “proibição fatal”. Atividades desenvolvidas: oficinas de arte (teatro, teatro de sombra, dança, música e artesanato); premiações dos filmes e dos atores.

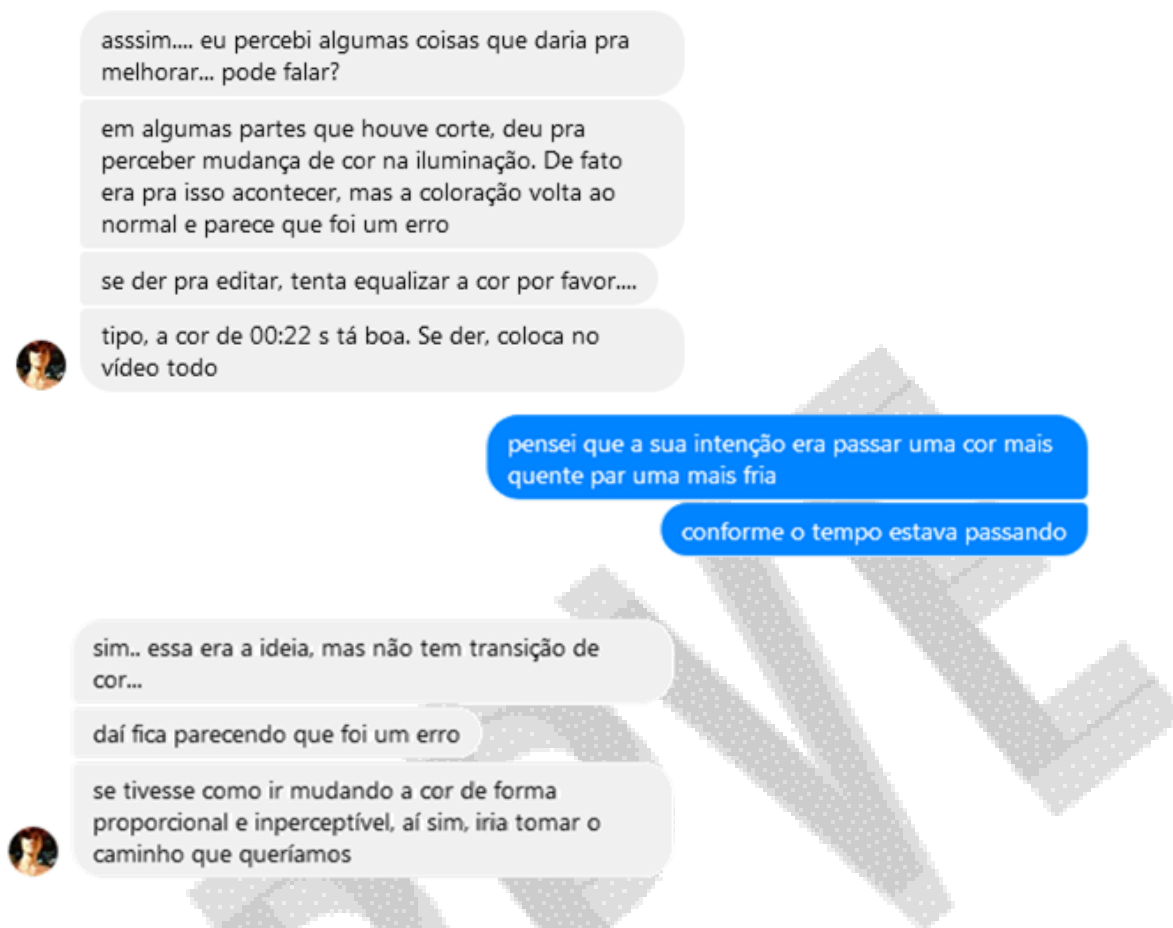
As dificuldades encontradas na realização do trabalho de cinema e audiovisual: Falta de espaço para os ensaios, poucos recursos tecnológicos e dificuldade do estudante em se deslocar para a escola em turno oposto. Desta forma, a construção dos roteiros, os ensaios, as filmagens e as edições ocorrem normalmente dentro do turno de aula dos alunos. Assim, podemos afirmar que a prática pedagógica com o cinema na educação escolar é gratificante e significativa para o processo ensino-aprendizagem, tanto para os alunos, como para os professores envolvidos, embora seja um trabalho intenso e exaustivo.

25. DOENÇA MODERNA

Marilete Boy Oliveira

boy_elher@yahoo.com.br

Durante 03min33s, 09 alunos, de 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental II exploram a temática do curta-metragem Doença Moderna. O filme propõe uma reflexão sobre o domínio que os dispositivos móveis exercem sobre nós. Estamos conectados virtualmente e desligados da realidade a ponto de ignorar o nosso entorno e a convivência com os nossos pares. Na cena do jantar em família vê-se claramente a ausência do diálogo, notadamente fato recorrente na sociedade contemporânea. A utilização de uma cor quente, que simboliza aconchego contrasta com a frieza dos olhares distantes entre si, mas atraídos pela tela acesa do dispositivo que conecta ao mundo virtual. Entre discussões calorosas, concepção da ideia, escrita do roteiro coletivo/colaborativo, decisão de set para gravações, filmagem e início da edição, o processo se estendeu aproximadamente por 3 meses e meio. De forma autônoma e independente, a equipe de produção conduziu todas as etapas. Destaca-se especialmente o envolvimento do aluno Gabriel Marques Taurino da Silva, diretor do filme e participante da oficina de realização do Projeto “Cinema: experimentar, conhecer, realizar”, em sua 5ª edição na Escola Municipal Professora Márcia Francesconi Pereira, na cidade de Cabo Frio/RJ. Ao longo desses quatro anos de participação no projeto, percebemos o crescimento de sua autonomia e independência na criação e no direcionamento do trabalho. Já cursando o Ensino Médio, em outro Estado, o aluno se compromete com a finalização do curta-metragem por meio do suporte à distância, utilizando o Messenger e mensagens de e-mail com orientações para o fechamento da produção audiovisual, trabalho que deixou em processo de edição.



Nota-se pelo diálogo exposto que o mediador/professor se insere no processo em que não só ensina como aprende, numa troca que enriquece e solidifica todo aprendizado de ambas as partes. Os papéis se invertem: o aluno passa a ser professor e o professor passa a ser o aluno, nesse sentido, o professor é o passador, se arrisca junto. (BERGALA, 2008).

O encantamento ao verificar que encontrou a tonalidade certa, a disposição ideal, do que queria mostrar ficou evidente na troca de mensagens e culminou com a idealização do banner de divulgação do filme, buscando a perfeição, atribuídos aos detalhes e ao zelo na produção da arte.

e a capa do filme?

lembra que a gente tinha feito?



tá pronta?

Não mexemos na capa

Lembro que você tirou umas fotos



me manda as fotos necessárias? Posso tentar fazê-la

Vou enviar. Pode ser por aqui?

manda pelo e-mail. A qualidade pode cair por aqui

já enviei

pronto



Salienta-se o compromisso de toda equipe envolvida na produção, como no decorrer da construção coletiva do roteiro, o entusiasmo para explorar o tema, na preparação do material para a maquiagem da personagem que sofre o acidente, entre outros. Fato curioso, durante a gravação do acidente na rua, a fidelidade da sequência de cenas com a realidade chamou atenção dos pedestres que por ali passavam, que assustados até pararam com a preocupação de ajudar. Quando certificados que se tratava de filmagem para um curta, notava-se na expressão facial um alívio.

Na construção da narrativa percebe-se a identidade do aluno em todas as etapas da produção, o mesmo se apropria de algo que não é só dele, mas que atravessa a sua responsabilidade e o comprometimento do querer dar qualidade maior ao trabalho que realiza, além da identificação com o que foi criado e a lisura com o que é posto em prática. Um filme que relata de forma silenciosa os gritos que ecoam dentro de nós, dominados pela tecnologia, não podemos perder a sensibilidade humana, necessária para entender a dor do outro. A oportunidade de refletir sobre o tema com adolescentes é de um valor imensurável, devido a sua grande complexidade, deixar de viver a realidade e se envolver cegamente numa vida virtual.





Link acesso: <https://youtu.be/W7AHFYNFBAQ>

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink-CINEAD/LISE/UFRJ, 2008.

26. O ENGAJAMENTO DE ESTUDANTES NA PRODUÇÃO COLETIVA DE *O CANDIDATO*

Rafael Salles Gonçalves
rafasterorama@gmail.com

Thomás Dalcol Townsend

João Pedro Wizniewsky Amaral

O Candidato é um curta-metragem original realizado a partir de uma criação coletiva de uma turma de terceiro ano de ensino médio do Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac, escola pública localizada na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Este filme foi produzido por meio do Estúdio de Criação, projeto educacional de letramento e criação audiovisual. Este projeto de extensão é vinculado à Universidade Federal de Santa Maria e seus objetivos são apresentar aos alunos da rede pública de educação básica elementos da linguagem audiovisual e criar um curta-metragem com a participação direta dos alunos em todas as etapas da produção. Executado entre junho de 2017 e janeiro de 2018, o Estúdio de Criação produziu três filmes em diferentes turmas, sendo *O Candidato* um deles. A primeira etapa do projeto foi sensibilização cinematográfica com os alunos a partir de aulas teórico-práticas. Em seguida, os alunos criaram individualmente uma personagem original e, dentre elas, escolheríamos três para estarem inclusas no argumento do filme a ser produzido por eles. Os três personagens escolhidos foram: Daniel, um militante de esquerda; Antônio, jornalista de esquerda que é metódico e tem um gato chamado Mário; e Pablo, um nazista caçador de animais que tem déficit de atenção. Quando mostramos os selecionados para a turma, realizamos uma tempestade de ideias para criarmos uma história original com os três. Dentre as várias histórias sugeridas, a turma decidiu roteirizar a seguinte: Daniel, ativista político do partido esquerdista Partido Defensor, candidata-se a prefeito e tem como aliado em sua campanha Antônio Siqueira, um influente jornalista da cidade. No entanto, quando lança sua candidatura, Daniel entra em conflito com Pablo Schmidt, seu sogro que idolatra o nazismo. Durante a campanha, Clara,

namorada de Daniel, o chama para um jantar na sua casa. No jantar, Pablo, pai de Clara, expulsa Daniel de sua casa. Então, o candidato procura Siqueira para ajudar a difamar Pablo, argumentando que ele está caçando ilegalmente e maltratando animais de rua. Em um primeiro momento, o jornalista hesita em escrever essa matéria, mas quando Mário, seu gato, aparece morto, o ele ajuda a prender Pablo. Quando Daniel se elege prefeito da cidade, sua namorada descobre um veneno de gato em sua casa. No fim, Pablo, dentro de uma cela, grita que foi preso injustamente. A partir dessa história, a turma escolheu quatro colegas para a roteirizarem, enquanto o resto da turma se dividiu em funções de atuação, produção e direção. Os alunos empenharam-se ativamente ao gravarem em horários extraclasse e disponibilizarem suas residências como locações do filme, sem contar na organização de figurino, maquiagem e produção. *O Candidato* abordou temas importantes que fazem parte do contexto dos jovens, como a política, e as injustiças que alguém pode cometer para chegar no poder. A partir de entrevistas conduzidas com os alunos participantes do projeto, notamos que esse foi uma atividade que inicialmente eles não mantinham grande expectativa. Todavia, eles afirmaram estarem surpresos com o resultado final, sendo este um dos poucos projetos escolares do qual a turma se engajou e gostou de produzir. Um ponto interessante a destacar foi o senso de inclusão por parte da turma, que fez questão que uma colega autista participasse do filme como atriz.

Link para Mostra de Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=hLy8q-VA5TM>

27. PROJETO VIDEO MÓBILE - INSTITUTO IDEIA COLETIVA CONGRESSO BRASILEIRO DE VÍDEO ESTUDANTIL

Roberto Limberger

Instituto Ideia Coletiva- SP

tenhoumaideia.coletiva@gmail.com

O projeto Vídeo MóBILE tem como objetivo a formação de jovens através de uma oficina de formação audiovisual, na qual, durante 3 dias, os jovens tem acesso a conteúdos teóricos sobre cinema, com ampliação do repertório e conteúdos práticos, utilizando a câmera de celular como principal ferramenta. Os participantes se reúnem em grupos, escolhem o tema a ser abordado e o gênero - ficção, documental, animação em *stop motion* ou vídeo experimental, misturando diferentes linguagens -, criam um argumento ou roteiro básico, experimentam a câmera de celular para organizar os planos e cenas, ensaiam e gravam o filme, editando no próprio celular ou em software de edição em computador. No primeiro dia, os educadores Jean Camargo, Kora Prince e Rodrigo Lopes abordaram os assuntos relacionados ao Cinema: linguagem audiovisual (ficção, documentário, gêneros, longa, média e curtas-metragens, videoclipe, filmes experimentais, janelas de exibição, festivais, etc), fotografia (composição de imagem, movimentos de câmera, enquadramentos, iluminação), dinâmica corporal (integração, alongamento). O convite para que eles realizassem a produção de um filme entre 1 e 5 minutos foi feito. Então foram divididos em grupos para exercício prático: caminhando pela escola, experimentando a câmera do celular em novos ângulos e pontos de vista, ao mesmo tempo pensando nas possibilidades de temas ou histórias que gostariam de abordar. Retornando do exercício, cada grupo compartilhou sua ideia, e os outros grupos puderam fazer perguntas e sugestões, e os educadores puderam orientar alguns pontos. Para o dia seguinte, foi solicitado que fizessem grupos no *whatsapp* para trocarem ideias durante o dia, e pesquisassem referências de filmes parecidos com os que cada grupo gostaria de fazer. No segundo dia, os assuntos abordados foram o som (captação de som, equipamentos profissionais e dificuldades com o celular, trilha sonora, direitos autorais e de execução musical), direção (cena, planejamento, *storyboard*), direção

de arte (paletas de cores, composição de cenário, figurino, objetos de cena, maquiagem, cabelo, locação real e estúdio), e produção (autorizações de uso de imagem, orçamentos, verbas e custos, cronograma, etc), e edição (tipos de cortes e transições, continuidade, seleção das cenas, softwares livres e gratuitos), e roteiro (formatação básica).

Em seguida, os grupos escreveram os roteiros ou argumentos (no caso de documentários ou filmes experimentais), fizeram o *fotoboard* com os celulares, fizeram a decupagem do roteiro (listando itens necessários de figurinos e objetos de cena) e se dividiram nas funções necessárias de acordo com cada proposta. Para o dia seguinte, deveriam se organizar para a gravação (ensaios, se necessário) e edição (baixar aplicativos ou levar notebook com software já instalado, como alguns alunos assim preferiram). No terceiro dia, a primeira etapa foi a gravação. Os educadores deixaram claro que seria apenas um exercício, e que, apesar da responsabilidade e do trabalho sério, não precisariam estar tão ansiosos como se mostraram. Cada grupo se reuniu para organizar a ordem de gravação e foi para suas locações, dentro da escola (biblioteca, pátio, laboratório, sala de aula, etc). Os educadores se revezaram para orientar e tirar dúvidas, e conforme cada grupo foi finalizando, a orientação foi para a edição, incluindo sincronização de áudio, criação de título, créditos e trilha sonora. Os filmes finalizados foram copiados para o computador do projeto (apenas 1 filme não foi finalizado, pois faltou tempo para fazer os créditos, que foram inseridos posteriormente pelos educadores), os ingressos da mostra final foram distribuídos, em média 3 ingressos por participante.

Abaixo resumo de cada um dos filmes produzidos com o projeto Vídeo MóBILE.

1- O filme “Você Não está sozinho” foi realizado com alunos do Colégio Camões, em Santa Cruz do Rio Pardo. A temática da prevenção ao suicídio estava em alta no momento da oficina e o grupo, formado por Ana Laura Martins, Elis Moraes, Lucas Garcia, Lavinea de Britto, Rafael Godoy escolheu criar um vídeo institucional, como uma campanha, com cenas em *stop motion* e narração.

2- O Filme “Alheio” é sobre um jovem reflete sobre sua vida e seus sentimentos, enquanto está alheio ao mundo e seus acontecimentos. Trata do tema “depressão” de forma mais sutil e experimental. Foi a escolha dos participantes Otávio Moraes, Livia Batista, Marcos Carnavale e Lucas Terezan da Escola Genésio Boamorte, em Santa Cruz do Rio Pardo.

3- O filme “Você não vê, mas está lá” trata do assunto “depressão” de forma bem direta, através de uma ficção, na qual uma jovem sofre de depressão, enquanto uma colega tenta ajudá-la. A escolha do tema, criação e atuação foi dos participantes Adrieli Nogueira, Bruno dos Reis, Giovanna Salandin, Virginia Helena de Souza e Elisa de Paula, da Escola Genésio Boamorte, em Santa Cruz do Rio Pardo.

4- O filme “Coisas de gênio” aborda a temática do incentivo à leitura, tema que estava sendo tratado na Escola Estadual Leônidas do Amaral Vieira, em Santa Cruz do Rio Pardo. O filme é de ficção, do gênero comédia, realizado pelos participantes Artur Silva, Cidinha Cremonini, Gabriel Ferrari, Lucas Gabriel e Maynara Queiroz.

5- O filme “O poder da leitura” aborda o assunto incentivo à leitura de forma experimental e poética. As participantes Helena Brandini, Késia Nunes, Lorena Rocha, Maikelly Silva, Tyfanni Baldan e Raíssa Hilário mostram trechos de livros e cenas que seriam a imaginação da personagem. Foi realizado na escola SESI, em Santa Cruz do Rio Pardo.

6- O filme “Que linha eu traço para meu futuro” foi realizado no Instituto Padre Haroldo, em Campinas, pela participante Isabela e professor André. É uma ficção, mas que parece uma conversa real entre uma jovem e seu pai, enquanto a imagem mostra desenhos feitos pelas personagens. Delicado e inovador, fala sobre o futuro e os sonhos da menina.

28. PRODUÇÃO DE VÍDEO PARA EXPLORAR A HISTÓRIA DOS NÚMEROS COMPLEXOS

Silvana Costa Silva
scostasilva30@gmail.com

Rosineide Xavier Figueiredo

Esse resumo apresenta o relato de uma experiência desenvolvida em quatro turmas do 3º ano do ensino médio integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) - Campus Vitória da Conquista. As atividades descritas compuseram a avaliação parcial da primeira unidade letiva de 2018. Para tanto, foi proposto as turmas que elaborassem um vídeo o qual objetivou abordar o conteúdo matemático trabalhado na unidade, números complexos, caracterizando sua historiografia. Dessa forma, teve-se a intenção de elucidar o processo de construção dos números complexos no decorrer do tempo, abordando sobre sua origem de maneira lúdica e dinâmica. Participaram dessa atividade avaliativa 28 alunos do curso de Eletromecânica, 21 do curso de Eletrônica, 32 de Informática e 22 de Meio ambiente, no período de 26 de abril a 30 de junho do referido ano, em que nesse último dia aconteceram as apresentações dos vídeos no auditório principal do IFBA, avaliados por dois jurados, um professor de História e uma professora de Língua Inglesa, da referida Instituição. Cada jurado recebeu uma ficha com alguns critérios avaliativos dos quais constaram de um escore: insuficiente, regular, bom, muito bom e excelente. Em cada escore poderia ser sinalizado somente uma nota. Para realização da atividade, os alunos foram dispostos em grupos. Cada um responsabilizando-se por pesquisar sobre o surgimento dos números complexos e por elaborar um roteiro de desenvolvimento do vídeo o qual explicitava como deveriam proceder durante a atividade. Cada grupo criou um pequeno vídeo, com duração entre 3 e 7 minutos, que ilustrou o surgimento dos números complexos, evidenciando os principais matemáticos envolvidos nesse processo. Com o desenvolvimento dessa atividade, percebeu-se que ela pode ser uma ferramenta eficiente de avaliação pelos seguintes motivos: é uma forma lúdica de construção do conhecimento matemático; o trabalho com tecnologias digitais atraem a atenção do

aluno; é um meio de transmitir conhecimento sobre determinado assunto; mostrar que a matemática faz parte de um processo histórico. Os resultados evidenciaram maior interesse dos alunos em participar de ações dessa natureza, despertando neles a criatividade por intermédio da comunicação de ideias matemáticas.

CEBPVE

29. VIVÊNCIAS, CONVIVÊNCIAS... SIMPLES ASSIM: ESCOLA!

Tânia Cristina Medeiros Cardoso

tania.crist@yahoo.com.br

Apresentação

Profusão e fusão de imagens representativas do cotidiano escolar são o fundo para que os alunos representem pequenos monólogos construídos coletivamente sobre sentimentos e memórias, reais ou imaginadas, que os remetem ao passado, presente e futuro na Unidade Escolar. Nesse contexto, uma personagem singular: uma máquina de escrever da década de 80 protagoniza junto aos estudantes a narrativa do curta. Essa é a sinopse do curta-metragem “Vivências, convivências... Simples assim: ESCOLA!”. A produção do filme envolveu um grupo de 11 alunos de 6º ao 8º anos do Colégio Municipal Francisco Porto de Aguiar, Arraial do Cabo/RJ, participantes da oficina de realização do projeto “Cinema: experimentar, conhecer, realizar” em sua 2ª edição no município. A oficina faz parte da grade curricular do Núcleo de Tecnologia Municipal (NTM Arraial) e atende alunos da rede municipal de ensino em seus respectivos contraturnos. O curta-metragem foi idealizado para participar da convocatória para programação da 13ª CINEOP – *Mostra de Cinema de Ouro Perto*, MG como parte integrante da *Mostra Educação* que compõe o *Encontro da Educação – X Fórum da Rede Kino* (Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual). Nesta edição, a Mostra Educação homenageou a Escola, especialmente Escola Pública, seus cotidianos e quem a habita. O dispositivo para elaboração dos filmes se organizou em torno das letras do abecedário, inspirado no Abecedário da Educação, proposto pelo Professor ensaísta, *Jorge Larrosa*, Professor de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona, Espanha e, nesse sentido, o curta se inseriu nesse glossário compondo a letra “V”: vida, vivência, voz. A dificuldade de encontrar material de arquivo que explorasse a linha de existência do colégio conduziu o grupo a explorar a construção de um roteiro sobre o tempo passado (quais as expectativas para estudar no colégio), presente (como é estar no colégio, as pessoas com quem convivem) e futuro (como seria sair do

colégio, o último dia na Unidade escolar, como seria estudar em outras escolas). A dinâmica se baseou no dispositivo “Linha da Vida”, experiência adquirida com a participação na *MasterClass “Cinema e Educação”* com o cineasta e educador francês *Karim Bensalah* em 2017. No dispositivo “Linha da Vida” os discentes escrevem um pequeno roteiro em que ficionam ou se baseiam em fatos reais para explorarem fases/momentos vividos, imaginados, contados por familiares ou projetados por eles para o futuro. A seguir, esses roteiros são distribuídos aleatoriamente para leitura e escolha de um momento do “outro” para interpretação, finalizando com a filmagem do próprio estudante contando sua visão para o futuro: um filme sobre a história do outro, mas finalizando com sua própria história. Após adaptação desse dispositivo, os professores que ministram a oficina convidaram os estudantes a participarem do projeto audiovisual “Escolas: memórias do futuro” que culminou no filme “Vivência, convivências... Simples assim: Escola!”. Foram três encontros presenciais desde a escrita do roteiro à finalização das filmagens, em que optaram em gravar seus monólogos à frente de um fundo verde para utilização da técnica do chroma-key durante a edição. A profusão de imagens a que se refere a sinopse, foi representada pela troca do fundo verde por imagens representativas do cotidiano escolar sobrepostas e, a fusão, a estratégia de trabalhar com a opacidade durante a edição para a transparência das mesmas.

Link de acesso: <https://youtu.be/q6-o8LQ-lWs>



Figura 1 Processo de escrita de roteiro.



Figura 2 Ensaio de monólogos



Figura 3 Filmagem.



Figura 4 Foto de divulgação do curta-metragem

30. PRODUÇÃO DE VÍDEOS COM CONTEÚDO DE MATEMÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO IFSC CÂMPUS GASPAR

Vanessa Oechsler¹⁴
vanessa.oe@gmail.com

Gabriel de Souza¹⁵

No Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) campus Gaspar, os alunos da terceira fase do curso técnico integrado em Química, mediados pela professora de Matemática, realizaram um trabalho de produção de vídeos com o objetivo de resolver e, consequentemente, compreender sistemas lineares com três ou mais incógnitas. Os alunos tiveram que escolher uma questão problema sobre sistema linear que possuísse, no mínimo, três incógnitas e demonstrar como resolver a questão através de um vídeo. Os alunos utilizaram de softwares de animação e gravação de imagens para a produção dos vídeos. Os vídeos foram produzidos segundo as etapas descritas por Oechsler, Fontes e Borba (2017): (i) conversa com alunos e apresentação de tipos de vídeos; (ii) escolha e pesquisa do tema de produção do vídeo; (iii) elaboração do roteiro; (iv) gravação das imagens; (v) edição dos vídeos; e (vi) divulgação dos vídeos. Na primeira etapa, conversou-se com os alunos e foram apresentados diversos tipos de vídeos, como vídeos de animação, videoaula, encenação, performance matemática digital, entre outros. A partir dessa apresentação, solicitou-se que os alunos pensassem sobre o tipo de vídeo que gostariam de produzir. Tendo isso em mente, passou-se à segunda etapa, em que os alunos realizaram a pesquisa do vídeo. Nessa aula, eles pesquisaram em livros e na Internet problemas matemáticos que poderiam ser resolvidos através de sistemas lineares com três ou mais incógnitas. Nessa fase os alunos decidiram os problemas a serem resolvidos e como os explorariam nos vídeos, passando à terceira etapa, que foi a elaboração dos roteiros. Nos roteiros os alunos descreveram a questão utilizada, como o vídeo seria apresentado e como ele seria produzido, desde os materiais até os métodos de gravação. Este

¹⁴ Professora de Matemática do IFSC Campus Gaspar.

¹⁵ Aluno do curso técnico integrado em Química do IFSC Campus Gaspar.

roteiro foi feito para ser utilizado como base durante as outras etapas de produção. Na quarta etapa de produção foram feitas as gravações dos vídeos na qual os alunos utilizaram diversos recursos de vídeo e áudio, como câmeras, celulares e softwares, para uma melhor qualidade do vídeo. Na quinta etapa os alunos editaram e finalizaram os vídeos através de editores gratuitos disponibilizados na escola. O *software* de edição mais utilizado foi o *Movie Maker*. Como sexta e última etapa todos os vídeos foram apresentados para a turma e avaliados pela professora e pelos próprios alunos. Muitos tipos de vídeos foram produzidos pela turma. Entre eles, animações, vídeo aulas, vídeo com imagens, problemas envolvendo o curso de química e temas regionais. O trabalho foi uma experiência nova para toda a turma, pois ainda não haviam produzido vídeos em alguma unidade curricular do curso. Percebeu-se uma grande criatividade por parte dos alunos no decorrer da produção, pois cada grupo utilizou métodos variados para tentar tornar o seu vídeo mais interessante e divertido. O engajamento dos alunos também merece ser destacado, pois, a cada etapa, eles discutiam e negociavam a melhor forma de produzir os seus vídeos, de forma que o conteúdo explicado fosse compreendido pelos expectadores posteriormente. Ao total, foram produzidos 11 vídeos dos quais, três, por opção dos produtores, foram enviados ao II Festival de Vídeos Digitais e Educação Matemática da UNESP de Rio Claro. No link a seguir é possível conferir os onze vídeos produzidos pelos alunos:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLBk_fdZRmOEEh4Tjv8OnR8UKCOTu5BUW4

No próximo semestre a professora pretende utilizar alguns desses vídeos com novas turmas do IFSC, como forma de explorar o conteúdo de sistemas lineares.

Referência:

OECHSLER, V.; FONTES, B. C.; BORBA, M. C. Etapas da produção de vídeos por alunos da educação básica: uma experiência na aula de matemática. *Revista Brasileira de Educação Básica*, v. 2, n. 1, p. 71–80, 2017.

31. DOCUMENTANDO - OFICINAS DE REALIZAÇÃO AUDIOVISUAL

Marlom Meirelles

Coordenador do Projeto
eixoaudiovisual@gmail.com

Sobre o projeto

Por meio da análise de obras de diferentes cinematografias, de reflexões teóricas e exercícios práticos, a oficina estimula o olhar do aluno para a leitura e a realização de obras documentais. Os participantes, que não precisam ter conhecimentos prévios na área, tem acesso às técnicas básicas de captação e edição de imagens em vídeo, além de instruções sobre a linguagem cinematográfica e as etapas e funções numa produção. A oficina desperta a consciência de que o cinema é um instrumento de construção da realidade, permitindo que os alunos observem as possibilidades de abordagem, narrativas, dispositivos e processos de trabalho. As atividades são totalmente gratuitas e ao final das aulas é produzido um documentário.

Teoria

As aulas teóricas apresentam aos estudantes um rico panorama sobre o cinema documental, através de exposição de textos e exibição de filmes, incluindo uma detalhada abordagem sobre os elementos cinematográficos. Além dos encontros presenciais, acontecem ainda algumas atividades virtuais, a exemplo de videoaulas e palestras, onde profissionais comentam sobre suas experiências no segmento, as oportunidades de inserção no mercado de trabalho e como elaborar uma estratégia para distribuição nos festivais.

Prática

Os estudantes realizam, no módulo prático, um documentário com duração entre 5 e 10 minutos, abrangendo aspectos socioculturais e históricos da região. A temática é sempre

livre e escolhida através de dinâmicas coletivas. Os participantes são distribuídos em grupos responsáveis pelas fases de realização (pré-produção, filmagem e finalização). Após o término das aulas, há uma apresentação do material produzido, sempre mediado por uma análise acerca dos processos criativos. Alunos que concluem as aulas, mantendo uma presença mínima de 70%, recebem certificados.

Interiorização do audiovisual

- Em atividade desde 2009;
- 4 temporadas realizadas;
- Mais de 50 oficinas;
- 1.000 estudantes beneficiados;
- Todas as RDs de Pernambuco.

O público-alvo inclui indígenas, remanescentes de quilombolas, negros, alunos de rede pública, portadores de necessidades especiais e pessoas em situação de vulnerabilidade social.



BIBLIOGRAFIA

LABAKI, Amir. É tudo verdade: reflexões sobre a cultura do documentário. (São Paulo: Francis, 2005).

LINS, Consuelo. O documentário de Eduardo Coutinho: Televisão, cinema e vídeo. (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004).

LINS, Consuelo e MESQUITA, Cláudia. Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo. (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008).

MOURÃO, Maria Dora & LABAKI, Amir. O Cinema do Real. (São Paulo: Cosac Naify, 2005).

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. (Campinas: Papirus Editora, 2005).

SANTORO, Luiz Fernando. A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil. (São Paulo: Summus Editorial, 1989).

COPYRIGHT